

# DiaLogos

Boletim do Ágora Instituto Lacaniano

## Psicanálise e Religião

Nº 03  
Julho/2010  
Campo Grande - MS

## MEMBROS DO ÁGORA INSTITUTO LACANIANO

### **Andréa Carla Deuner Brunetto**

Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano,  
Psicóloga, Mestrado em Educação  
Fones (67) 3326-9617 / 8114-0666  
Rua Alagoas, 196 - Centro Empresarial Jardim dos Estados  
Jardim dos Estados - CEP 79020-120 - Campo Grande/MS  
Email: brunetto@terra.com.br

### **Daniel A. L. Foscaches**

Psicólogo  
Fone (67) 9244-4753  
Rua Eduardo Santos Pereira, 295 - São Francisco  
CEP 79002-251 - Campo Grande/MS - Brasil  
Email: danielfoscaches@gmail.com

### **Fabiane da Fontoura Messias de Melo**

Psicóloga, Pós-graduada em Recursos Humanos, Docente do  
Curso de Psicologia da Faculdade da Amazônia Ocidental,  
Servidora Pública da Secretaria de Estado de Saúde do Acre.  
Fones (68) 9281-5553 / 3224-2223  
Fonoaudioclin - Av. Nações Unidas, 571 - Bosque - Rio Branco/AC  
Email: psicofabiane@uol.com.br

### **Giovana Guzzo Freire**

Psicóloga  
Fones (67) 3291-2103 / 8415-8299  
Rua Gaspar Ries Coelho, 529 - Bairro Flávio Garcia  
CEP 79400-000 - Coxim/MS  
Email: giovanaguzzo@gmail.com

### **Juliana Gontijo**

Psicóloga, Psicóloga Perita Examinadora  
Fones (67) 3321-0449 / 3028-6103 / 9221-4938  
Rua 15 de Novembro, 2.200 - Jardim dos Estados  
CEP 79020-300 - Campo Grande/MS - Brasil  
Email: julianagontijopsi@uol.com.br

### **Luciana Regina Prado Garcia Mariano**

Psicóloga, Graduada em Administração de Empresas,  
Pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior  
Fones (67) 3421-0022 / 9971-8113  
Rua Oliveira Marques, 1792 - Centro  
CEP 79805-021 - Dourados/MS - BRASIL  
Email: luciana@skoldourados.com.br

### **Marisa de Costa**

Psicóloga  
Fone (67) 3324-9214  
Rua Jeribá, 750 - Chácara Cachoeira  
CEP 79040-120 - Campo Grande/MS - Brasil  
Email: marisadecosta@hotmail.com

### **Marilene Kovalski**

Psicóloga  
Fones (67) 3349-1997 / 8111-4446  
Rua João Tessitore, 378 - Miguel Couto  
CEP 79040-250 - Campo Grande/MS - Brasil  
Email: marilene.kovalski@yahoo.com.br

**Projeto Gráfico e Diagramação:** André da Silva Cerqueira

**Capa:** Pintura de Evandro Prado. Coleção Fé na Tábua. "Terção I". Óleo sobre tela. 100 x 100cm - 2004.

[www.evandroprado.com.br](http://www.evandroprado.com.br)

**Comissão de Publicação de Dialogos:** Andréa Brunetto, Giovana Guzzo Freire e Juliana Gontijo.

### **Ágora Instituto Lacaniano**

**Diretora:** Andréa Brunetto • brunetto@terra.com.br

**Tesoureira:** Juliana Gontijo • julianagontijopsi@uol.com.br

**Secretária:** Giovana Guzzo Freire • giguzzo@hotmail.com

**Responsável pela biblioteca:** Juliana Gontijo • julianagontijopsi@uol.com.br

**Moderadora da rede na Internet:** Fabiane da Fontoura Messias • psicofabiane@uol.com.br

**Coordenação do Sarau Cultural:** Marilene Kovalski (67) 8111-4446

ÁGORA INSTITUTO LACANIANO  
Centro Empresarial Jd. dos Estados  
Rua Alagoas, 196 - Sala 06 - Fone (67) 3326-9617 - Campo Grande/MS  
[www.agorainstitutolacaniano.com.br](http://www.agorainstitutolacaniano.com.br)

# Editorial



Boletim Dialogos, é uma produção bianual do Ágora Instituto Lacaniano de Campo Grande, MS, Brasil. Neste ano de 2010, O Ágora Instituto Lacaniano está estreando a terceira edição do Boletim Dialogos. O tema é “Psicanálise e Religião” e conta com diversos assuntos contemporâneos ligados a fatos polêmicos que frequentemente aparecem na mídia, assim como, análise de casos clínicos e informativos sobre eventos.

A escolha do tema Psicanálise e Religião aponta para um desejo. O desejo de aproximar discussões sobre assuntos que têm conceitos tão singulares, mas ao mesmo tempo, relações tão próximas. Perante a grande dor e angústia que é existir, a Religião vem para acalmar e resolver o clamor do sujeito, sua falta, seu sentimento de vazio, o esburacamento que sente no corpo. Deste modo, o religioso baseado em sua própria experiência de existir e sedento de respostas sobre esta existência, envolve-se em um ambiente, onde possa se sentir acolhido, onde tenha um lar, um reino, Um Pai.

Na religião as renúncias são vistas como prova de caridade e aceitação bastando entregar-se para essa doutrina, única verdade que pode libertar o sujeito e fica sempre no impossível de realizar, na falta, contentando-se com um pai que em breve retornará e a todos libertará para enfim, ter todas as respostas desta dor, a dor de existir.

Ambos se erguem sob uma base de ausência de saber, no sentido de não saber onde se vai chegar, a partir do momento em que se dedica a causa. Nada é prometido na Psicanálise, por isso parece tão distante, já na Religião é. A escolha é bastante singular, mas como tudo na vida, é necessário preservar essa singularidade. Psicanálise e Religião não se constituem uma unicidade, uma fusão, contudo ambos lidam com o sujeito, os medos, desafios, angústias e mesmo tendo conclusões diferenciadas sobre o sujeito, é possível um diálogo entre Psicanálise e Religião.

*Giovana Guzzo Freire*

# SUMÁRIO

<b>Editorial</b> .....	3
<i>Giovana Guzzo Freire</i>	
DIÁLOGO POSSÍVEL	
<b>No Princípio Era o Verbo</b> .....	5
<i>Manel Rebollo</i>	
<b>O Sagrado em Mircea Eliade e o fenômeno Nossa Senhora do Mel</b> .....	9
<i>Antônio Garcia Gonçalves</i>	
<b>Mal-Estar e Segregação Religiosa</b> .....	12
<i>Andréa Brunetto</i>	
<b>Considerações sobre Psicanálise e Religião</b> .....	17
<i>Juliana Gontijo</i>	
<b>O Presente de uma Ilusão: A Religião a Partir do Pensamento de Freud e de Lacan</b> .....	19
<i>Francina Evaristo de Sousa</i> <i>Eduardo Barbosa Lenzi</i>	
RELIGIÃO NA CLÍNICA	
<b>Pai Todo-Poderoso</b> .....	22
<i>Giovana Guzzo Freire</i>	
<b>O Deslize de Deus</b> .....	24
<i>Isloany Dias Machado</i>	
<b>Um manto sagrado sobre a angústia</b> .....	27
<i>Rita Gresenberg</i>	
<b>“Cada um com seu cada qual”</b> .....	29
<i>Katulle Oliveira Freitas Silva</i>	
ENSAIO	
<b>J. Lacan, o judaísmo e a psicanálise</b> .....	32
<b>Uma leitura de: “O pecado original da psicanálise” de Gérard Haddad</b> <i>Sidi Askofaré</i>	
EVENTOS	
<b>Curso de Psicanálise em Extensão, Joinville/Santa Catarina</b> .....	38
• <i>A Teoria e a Clínica de Freud a Lacan - 2010</i>	
<b>VIº Encontro da Internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, Roma/Itália</b> .....	39
• <i>O «mistério do corpo falante»</i>	
<b>XI Encontro Nacional da EPFCL   AFCL - Brasil, Fortaleza/Ceará</b> .....	40
• <i>O Sintoma: Sua Política, Sua Clínica</i>	



# No Princípio Era o Verbo

## Curar a humanidade da psicanálise

Manel Rebollo\*

Jacques Lacan subscreve a sentença de São João “No princípio era o verbo”, que fundamenta o cristianismo, a “verdadeira” religião, segundo o próprio Lacan. Trata-se de um ponto em comum entre a psicanálise e a religião, mas que não vai muito mais adiante, pois o uso da frase se entranha nos dois discursos de formas ostensivamente diferentes, até o extremo de contrapor-se sem remédio. Para o cristianismo, a encarnação do Verbo, da palavra de Deus, produz-se com o advento do Cristo Redentor, vindo para curar a humanidade do real mediante a insuflação do sentido, meio pelo qual o homem pode adaptar-se ao real com a esperança na vida eterna. Tomamos aqui o real em sua acepção de “o que não funciona”, o que atravessa ‘o andar da carruagem’, de maneira que a coisa não anda, contrapondo-se, então, ao discurso do mestre, cujo fim é que as coisas vão ao passo de todo mundo. Assim, o real é o que repete-se para obstaculizar a boa marcha.

Ante esse real em jogo, distintos discursos oferecem distintas respostas, e nessa se embasa o que Freud chamou os três impossíveis: governar, educar e psicanalisar. Podemos substituir tais infinitivos pelos discursos que Lacan estabelece: o discurso do mestre (governar), discurso universitário (educar), que vem a ser uma variante do discurso do mestre, e o discurso do psicanalista (psicanalisar). A estes impossíveis, Lacan acrescentará o discurso da histórica (fazer desejar) e nele fundamenta o discurso filosófico e, posteriormente, o discurso da ciência. Sobretudo o que produz-se com o divórcio entre a ciência que Freud conheceu e a religião – divórcio em que, no início, se precipitam, também, as condições da psicanálise. Aqui não devemos esquecer que a ciência a que Freud sentia-se em dívida está à sombra da teologia (Newton) e da dogmática (Kant); ou seja, ainda casada com a igreja.

Um pecado capital que Lacan atribui a Freud foi o de ter almejado para os discípulos de seu pensamento, o estatuto de uma igreja. Nessas condições nasceu a IPA, cuja consistência religiosa faz-se hoje mais óbvia do que à época, em detrimento, precisamente, do discurso do psicanalista, que – dissemos acima – baseia-se no oposto.

Se a ciência só se ocupa do saber, forcluindo a verdade, e a religião somente advoga à verdade, desinteressada de todo saber, o psicanalista representa o único ponto entre ambos os discursos quanto aos interesses a que se refere: ocupa-se de produzir um saber no lugar da verdade. Então, ocupa-se do lugar vazio deixado pela separação entre ciência e religião.

Voltemos aos usos do “Verbo” que diferenciam psicanálise e religião. Para a psicanálise tudo também começa pela palavra, pois somente após o advento como palavra o sujeito começa a existir, a existir em seu drama subjetivo, o que lhe outorga um sintoma, isso que do real “não funciona”. O sujeito, em sua neurose, tenta dar resposta à demanda do Outro, e nessa resposta se constitui seu sintoma, seu ser: ser de palavra que, ao mesmo tempo, e por exclusão, procura seu ser de gozo.

É por sua estrutura de palavra que o sintoma poderá ser tratado pela palavra, pela intervenção da palavra no dizer do sujeito, via a interpretação, sem outro objeto que a produção de um saber, o inconsciente, e a queda, concomitante, de sentido. Assim, o discurso da psicanálise faz o sujeito transitar do real ao impossível, permitindo-o chegar ao sem sentido de seu sintoma; ou seja, que esse real não existe.

A religião opera de outro modo. Trata também do real, da relação do sujeito com o real, com o que não anda, e o faz igualmente com a palavra: a palavra de Deus. Diante dela, o real se enche de sentido e o sujeito se adapta ao real. Podemos dizer que o discurso religioso oferece ao sujeito um

\*Psicanalista, AME da EPFCL-Espanha, membro do Seminário de Psicanálise de Tarragona.

complemento de caráter simbólico e imaginário para seu real: um sentido verdadeiro para seu sintoma. E isso o consola do real, por e para seu bem.

Nesse desencontro de posições entre psicanálise e religião reside que o triunfo de uma implique o fracasso da outra. De todo modo, faremos algumas precisões.

Segundo a idéia de Lacan, a psicanálise nunca vai triunfar sobre a religião: no máximo, poderá sobreviver a ela; ou seja, sobreviver apesar do triunfo dela. Um dos exemplos desse triunfo o temos nos usos, já denunciados por Lacan em seu tempo, mas muito em uso também em nossos dias – inclusive entre não poucos lacanianos – da psicanálise como tratamento que ajude o sujeito a adaptar-se ao real, a “curar-se” do real com o sentido. Esse desvio da psicanálise invade não somente as concepções atuais no seio da Internacional, a igreja que quis Freud, bem como fundamenta as “aplicações” da psicanálise nos projetos benfeitores que se estendem na AMP, e em outros setores sob distintas rúbricas, e que, atendendo a uma expectativa de “triunfo” da psicanálise, levam a seu fracasso como discurso. Não deixa de ser uma nova maneira de verificar o dizer lacaniano de que “o triunfo da psicanálise é seu fracasso”.

Essa afirmação fundamenta-se no valor de “sintoma” da psicanálise. O psicanalista tem uma função muito precisa em seu mundo: apontar ao real, ao que não funciona, denunciá-lo, fazer dele um sintoma, algo que confronte, que “diga” o que não anda em cada momento dos avatares dos vínculos sociais. Porém não se trata de apontar isso para tampá-lo, como faz a religião por uma parte, e as variações da ciência que operam em nossos dias por outra. E que, aliás, contraíu núpcias com o capitalismo, substituindo assim o vínculo já caduco entre igreja e Estado – que a revolução francesa pretendia extinguir – nesse novo cortejo, em que deciframos a substituição da religião pela ciência, pretendendo esta, em sua condição de falsa ciência, alcançar o saber para suturar a falta de “funcionamento” que aflige o real. Aquilo que a religião pretende, prendendo com a verdade do sentido, a ciência procura mediante o saber. Este “saber” dá um passo além com as novas tecnologias e passa a um “saber fazer”, cujos produtos, os *gadgets*, oferece para continuar fazendo crer que é possível a relação sexual.

Deixemos a ciência para entrar na religião, que é aquela que pode, em definitivo, curar o mundo da psicanálise. Lacan não sustenta que essa cura seja possível através da ciência, pela deficiência estrutural dos *gadgets*, que não deixam de ser produções das mãos humanas. E, até agora, o homem tem se mostrado incompetente para completar o sintoma e com ele reduzir o real. Aquilo que o homem produz cai sempre sob a marca da falta e, portanto, não pode acabar com ela. A religião tem mais opções, com sua experiência de tantos séculos dedicada a encontrar o sentido, e é por aí que pode ganhar da psicanálise<sup>1</sup>.

O mérito que não se pode negar à ciência é o de angustiar o homem, com sua capacidade para gerar novos objetos de grande potencial destrutivo. Dessa angústia não se salvam nem os próprios cientistas, tocados, de vez em quando, por certa interrogação acerca de que desejo pode estar operando nisso. É aí que reside o grande trabalho da religião: apaziguar os sujeitos, aliviar sua angústia, segregando novos sentidos que possam vir a produzir novos transtornos no homem, como consciência de suas novas produções científico-tecnológicas e de seus efeitos ‘colaterais’.

É por isso que a psicanálise poderia chegar a ser um sintoma curado, e como tal, um sintoma esquecido. E o discurso religioso poderia ser o que opera uma repressão sobre a psicanálise. Seria um triunfo absoluto sobre “nosso” discurso. Que isso acabe sendo assim depende, em grande medida, dos próprios psicanalistas, verdadeiros responsáveis do uso que fazem de seu “poder” no tratamento e, muito particularmente, do manejo da transferência, como nos recorda Lacan em seu escrito “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”<sup>2</sup>, em 1958. Queremos dizer que o espírito que destila o ensino de Lacan nos meados dos anos 70 não está tão longe, em seus fundamentos, do que escrevia 20 anos antes. Portanto, trata-se de uma mesma enunciação.

Se a psicanálise renunciar a sua função de “objetar” o real, que fura a subjetividade de sua época, se curará por si mesma. Para que isso não ocorra deverá continuar em um lugar bem separado da

religião e não tomar o mesmo caminho “benéfico” em que caem as intenções “terapeutizantes” das novas tendências, que colocam em risco o futuro e a dignidade de nossa prática.

Gostaríamos de dedicar algumas linhas a outro elemento diferenciador entre psicanálise e religião – ainda que esteja implícito no que comentamos até agora – que é o Nome-do-Pai. Se Freud analisava com o limite de sua posição identificada ao Nome-do-Pai, não foi assim com Lacan. Ele foi mais além. E decorrente disso, podemos verificar o avanço que experimentou a prática psicanalítica, com seu ensino mais além do Nome-do-Pai.

A religião é um discurso que, precisamente, ancora o sujeito nesse lugar: o assujeita ao Nome-do-Pai, mesmo que não o pretenda. Todas as religiões fundamentam-se em um Pai em cujo nome os devotos unificam as boas práticas e se orientam sob um mesmo modelo homogeneizante. É o modelo do Discurso do Mestre, que rege no sujeito como discurso do inconsciente, é o que deve produzir-se em uma análise – como produto do mesmo – para levar o homem a “livrar-se” dele, em nome de um desejo que metabolize o gozo.

Alcançar esta meta pressupõe ir mais além do Nome-do-Pai, podendo fazer uso dele, porém sem cair alienado, sem sabê-lo, a tal significante.

Ao contrário, para a religião, trata-se de não saber desse significante, e sim de submeter-se a ele como sendo a verdade. Recordemos que essa coisa de fé - de feira, dizia Lacan, jogando com a palavra – é de não-saber. Nisso o discurso religioso se assemelha com o discurso do inconsciente (versões do discurso do mestre), trabalhando pela repressão e direcionando à neurose, ao sujeito em série com seus irmãos de Nome-do-Pai, sem lugar para a diferença. O neurótico, igual ao religioso, crê no Outro, porém o religioso crê em um Outro que não existe, Deus, e o neurótico em um Outro que ele faz existir com seu sintoma.

A separação igreja-Estado e os movimentos migratórios de alguns países a outros, e portanto alimentados em seus sentidos sob o real nas distintas religiões, trouxe distintos enfrentamentos, e não poucas vezes a “morte” entre grupos de distintos “nomes” (do Pai).

Sem chegar a referirmo-nos aos conflitos endêmicos entre árabes e judeus, sunitas e chiitas ou católicos e protestantes (em outras épocas), podemos fazer alusão a duas questões que estão bem atuais em nosso ocidente cristão: as acusações as altas instituições da Igreja Católica de haver ignorado, ainda que conhecendo-as, as práticas pederastas de alguns de seus prelados, em diferentes lugares e distintas épocas; e a proibição do uso de alguns véus a cidadãs muçulmanas, em certas ocasiões, por parte das autoridades de certos países europeus.

No primeiro caso se faz patente um “não querer saber nada”, no sentido da repressão. Distintas autoridades eclesásticas, incluindo o atual Papa Benedicto XVI, foram acusadas de ter deixado esquecidas denúncias formuladas contra vários sacerdotes, em distintas época, de terem cometidos abusos sexuais contra menores. Tratava-se de informes bem documentados, porém nem assim houve resposta suficientemente contundente sobre os religiosos em questão.

As ocasiões de tais práticas abusivas, praticadas contra crianças, costumavam, e ainda costumam, ser um ponto de convergência entre o discurso religioso e o discurso universitário, no terreno do impossível educativo colocado por Freud. Assim, o “deixe que venham a mim as criancinhas”, frase atribuída a Jesus Cristo, toma um sentido “verdadeiro” pelo lado de gozo que ela envolve, gozo do qual nada quer saber a cúria vaticana e todo seu âmbito de influência. Precisamente por isso, com tanta intensidade, volta o reprimido, até o ponto de não poder deter o efeito de repulsa naqueles que, tocados no narcisismo por afetar seus próprios filhos, carne de sua carne, não titubeiam em colocar em primeiro termo o Nome-do-Pai, que proíbe o exercício do gozo como atividade “à céu aberto” sob os garotos em posição de objeto educativo. Nesses casos, é patente que o discurso educativo, universitário, dirige-se a um outro em posição de objeto *a*, o escravo, porém não como metáfora e sim brandindo a verdade sem véus, que o discurso deveria velar. É assim que se apresenta a pederastia como sintoma produzido,

no exercício educativo da catequese, denunciando uma verdade que, atendo-se à lógica do discurso em jogo, nada quererá saber, mesmo sabendo, a bem do Cristianismo. Mais uma vez, nos ressoa o que Lacan alegou em “A ética da psicanálise”<sup>3</sup> quando postula que a prática que persegue o bem do outro somente pode levar ao pior.

O outro caso implica diferentes matizes: o uso do véu, de distintos véus com distintas conotações, de caráter religioso e sempre às voltas da proibição de olhar as mulheres. Em todos os casos, o contexto é a religião muçulmana e o lugar onde se produz o choque é em países de contexto religioso originalmente cristão, ainda que sendo laico em sua estrutura jurídica. Este laicismo não é sem objeções, pois a jurisprudência européia, ainda com sua origem no direito romano, sempre foi muito marcada pelo cristianismo. É conhecida de todos a larga história de sangrentas guerras de caráter religioso que a Europa viveu. Em algumas ocasiões entre cristãos e muçulmanos, mas também entre cristãos e judeus e entre diferentes comunidades cristãs. Como Lacan recorda, estas guerras religiosas estão mais fundamentadas no amor ao próximo que no ódio. E este amor ao próximo é o primeiro mandamento da lei de Deus.

Precisamente foi no meio escolar onde primeiro o uso do véu fez sintoma. A lógica que fez alguns países europeus decidirem a proibição do uso do véu, no contexto escolar, atendia a um ideal de não fazer diferenciação por meio de signos religiosos, guiados também por outro Nome-do-Pai europeu: a separação Igreja-Estado, fundamento e limite da liberdade religiosa em nosso território. A chegada de grandes contingentes de imigrantes de religião muçulmana, em cujo contexto religioso é inquestionável o uso do véu no outro sexo, e no qual a educação é, em primeiro lugar, educação religiosa, trouxe à Europa este novo transtorno, essa nova emergência do real, do que não funciona. Aqui já não se trata de choque entre os Nomes-do-Pai muçulmano com o dos cristãos, e sim que esta nova problemática põe em jogo o que há de cristão em nossa jurisprudência “laica” e também o modo em que os novos cidadãos possam fazer uso dos Nomes-do-Pai encontrados em sua chegada (liberdade de expressão, direito a sua cultura, etc...) de modo que não coloque em cheque um ainda frágil equilíbrio.

Queremos destacar o fato de que tenha sido no impossível de educar que se colocaram em relevo ambas as incursões do real na atividade religiosa. No final das contas, o âmbito educativo tem como meta a transmissão dos Nomes-do-Pai que interessam ao Discurso do Mestre.

Concluindo, podemos asseverar que nada mais longe à psicanálise que dar o melhor da lei, a que convém, posto que sua tarefa vai, insistimos, mais além do Nome-do-Pai. Tais tarefas formam parte do impossível de governar. O que o psicanalista pode fazer é apontar ao real, ao que não funciona, procurando nesse contexto que se produza um saber sobre o sintoma, sintoma novo, forjado a partir do que não deixa de não se escrever: a relação sexual que não existe.

Tradução: Andréa Brunetto

#### Notas

<sup>1</sup> O autor, em espanhol, escreve “y por ahí es por donde le puede ganar la mano al psicoanálisis” fazendo referência a um ganhar com as mãos. Teríamos a opção, em português, por traduzir ‘vencer na queda de braço’, mas optamos em deixar no texto apenas ‘ganhar’.

<sup>2</sup> Lacan, J. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

<sup>3</sup> Jacques Lacan. *O seminário, livro 7, a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 279.



# O Sagrado em Mircea Eliade e o fenômeno Nossa Senhora do Mel

Antônio Garcia Gonçalves\*

Em que pese vivermos em um mundo marcado predominantemente pelos avanços e conquistas das ciências, a presença do sagrado e da religiosidade é fato inegável e, paradoxalmente, ainda desempenha papel crucial para explicar o mundo e a existência humana, sem falar no papel que desempenha na estruturação da consciência.

A permanência das práticas religiosas, o retorno ou a (re)sacralização do mundo tem instigado diversas áreas das ciências. Nesse sentido, diversos autores – Émile Durkheim, Rudolf Otto e Mircea Eliade, principalmente – procuraram superar “respostas clássicas” na tentativa do entendimento do sagrado. São teorias construídas que objetivam entender, e com melhor propriedade, o sentido e a permanência do sagrado no cotidiano das pessoas e no interior da sociedade.

A questão acerca da problematização da definição conceitual do termo sagrado não é tarefa simples, uma vez este concretiza o fenômeno religioso na sociedade. Em diversos estudos o termo sagrado é muitas das vezes tomado como sinônimo de religiosidade, experiência religiosa, vivência religiosa, espiritualidade e principalmente usado como sinônimo do termo religião. Todas essas terminologias, sem sombra de dúvida, nos levam a um lugar comum presente na experiência humana em todos os tempos, ou seja, a busca pela transcendência.

Aqui partimos do pressuposto de que o sagrado é uma das muitas manifestações visíveis de um dado fenômeno religioso independente deste estar ou não vinculado a uma determinada religião institucionalizada, não podendo, portanto, ser este usado de forma intercambiável.

De acordo com os estudos de Marchi (2005) considera-se que a palavra – sagrado – deriva do verbo latino “*sacer*”, isto é, designa o que não pode ser tocado, que é querido dos deuses, santo, venerável. Este termo contempla a idéia de “*sanctus*”, que corresponde ao que é tornado sagrado, inviolável, respeitável, virtuoso, poderoso.

Considerada um elemento-chave na história humana por Mircea Eliade (2001), as auto-revelações do sagrado – chamadas por ele de hierofanias – acabam por perder seu caráter irracional na medida em que uma religião concreta passa por um processo de racionalização.

Mircea Eliade (1907-1986) foi um historiador e romancista romeno naturalizado norte-americano. Foi um dos mais importantes e influentes historiadores e filósofos das religiões da contemporaneidade, sendo que a sua concepção de sagrado ganhou relevância não apenas por seu conteúdo e fundamentos, mas, principalmente, pela introdução do conceito profano em oposição ao sagrado. Para ele o homem toma conhecimento do sagrado porque este se “manifesta” e se mostra absolutamente diferente do profano (a esfera do não-sagrado); sagrado indica algo que é separado e consagrado; profano denota aquilo que está em frente ou de fora do templo.

Em vez de estudar termos como Deus e religião, Eliade analisou os vários tipos de “experiência religiosa” dos seres humanos. Seu foco de investigação acerca do sagrado fundamenta-se basicamente na história das religiões e na fenomenologia da religião, sendo que nesse aspecto foi influenciado principalmente pelas idéias de Rudolf Otto.

Para indicar o ato de manifestação do sagrado, Eliade propõe o uso do termo hierofania<sup>1</sup>, pois

\*Psicólogo e Pedagogo graduado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Especialista em Prática Docente no Ensino Superior pelo IESF (Instituto de Ensino Superior da Funlec). E-mail: phynider@hotmail.com

trata-se para ele de um termo cômodo, não implicando nenhuma precisão suplementar, apenas exprimindo o que está implicado no seu conteúdo etimológico: “que algo de sagrado se nos revela”.

A história de todas as religiões, desde as mais primitivas às mais elaboradas, é constituída e absolutamente marcada pelas manifestações das realidades sagradas – a manifestação do sagrado em objetos, formas naturais ou pessoas – ou seja, pelas hierofanias.

Desde a mais elementar hierofania – como a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra, ou uma árvore – até a encarnação de Deus em Jesus Cristo, que é para um cristão a hierofania suprema, não existe solução de continuidade, pois nos encontramos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo de “ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo. Uma manifestação que se dá sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”.

Eliade nos chama a atenção para o paradoxo que constitui toda hierofania, desde a mais elementar. Uma vez manifestado-se o sagrado, um objeto qualquer se torna “outra coisa” e, contudo, continua a ser “ele mesmo”, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Esses elementos passam a ser adorados como tais justamente porque são hierofanias – passam a conter alguma coisa de outra ordem e “revelam” algo que já não é mais o objeto em si, mas o sagrado. Eliade se apropria do pensamento de Rudolf Otto quando este afirma que esse “outro” que se revela é o *ganz andere*: o “inteiramente outro”, ou seja, aquilo que é totalmente diferente de tudo o mais e que, portanto, não pode ser descrito em termos comuns.

Para Eliade, delimitar a noção do sagrado não é simples, uma vez que tal tarefa requer uma quantidade conveniente de “sacralidades”, ou seja, de fatos sagrados. Trata-se de um rol heterogêneo e com morfologia própria: são ritos, mitos, formas divinas, objetos sagrados e venerados, símbolos e cosmologias, homens consagrados, animais, plantas e lugares sagrados.

Mendonça (2004) ao analisar o campo religioso brasileiro também se utiliza do conceito de hierofania para seus estudos colocando-o, com pequenas exceções, como um epifenômeno que se apresenta ao indivíduo e acaba por nele constituir uma experiência fundante ou modificadora da religião, ou mesmo de conservação e/ou reforço de uma forma de religião instituída.

O autor, ao exemplificar essas irrupções do sagrado, destaca três funções dessas hierofanias: no primeiro caso, temos os indivíduos fundadores de religiões; no segundo, os profetas que pregam a volta às origens da religião instituída ou a correção de seus desvios e, por último, temos a conservação e/ou reforço de uma religião instituída, cujos exemplos melhores são as aparições e os milagres atribuídos à Virgem Maria que estabelecem romarias e peregrinações a esses locais sagrados motivados por algum fenômeno “milagroso” relacionado à sua imagem.

A veneração à imagem de Maria se constitui em um dos aspectos mais visíveis do catolicismo popular brasileiro: uma autêntica e genuína manifestação do sagrado.

Campo Grande/MS foi palco de um fenômeno que despertou desconfiança e incredulidade e gerou polêmica não só na comunidade científica como também na própria Igreja Católica. Desde o dia 16 de maio de 2007, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima vem exsudando (transpirando) mel em uma residência na cidade o que de início acabou atraindo centenas de fiéis ao local e uma ampla cobertura da imprensa.

Esta história segue uma lógica que acompanha a dinâmica de toda a efervescência da irrupção do sagrado, especificamente em se tratando do culto à Virgem Maria: há o aparecimento no ambiente do “sinal” (ou estigma), no caso a exsudação do mel, o relato de um “milagre” e, evidentemente, o testemunho dos seus protagonistas.

Reportando-nos à apreensão do sagrado em Eliade, o fenômeno Nossa Senhora do Mel, como ficou conhecido, se coloca na mesma categoria de algo de “ordem diferente”, de uma realidade que não pertence ao nosso mundo “natural”, “profano”. A exsudação do mel pela imagem venerada de Nossa Senhora de Fátima é o que confere ao episódio o fato de que estamos diante de uma manifestação do

sagrado, de uma hierofania.

A manifestação do sagrado nessa imagem, nesse objeto de veneração, o torna mais especial ainda. Diríamos que o seu “poder” envolvente aumenta ainda mais aos olhos de um católico, pois, como assinala Eliade (2001), para aqueles a cujos olhos um objeto qualquer (no nosso caso uma imagem venerada) se revela sagrado, a sua realidade imediata trans-significa, transmuda-se numa realidade sobrenatural, mágica, tomada por uma irracionalidade.

Podemos afirmar, valendo-se da leitura de Spencer (2004), que o fenômeno Nossa Senhora do Mel se coloca para o fiel como o *ganz andere* de Rudolf Otto, o totalmente outro, algo indescritível, mas presente, poderoso e terrífico, maravilhoso e fascinante, extraordinário e misterioso, enigmático e simbólico. Enfim, é tudo aquilo que cabe no conceito de uma experiência numinosa, em outras palavras, numa experiência provocada pela revelação de um aspecto do poder divino.

A imagem de Nossa Senhora de Fátima adquire por meio dessa hierofania uma característica a mais, para reafirmar a sua sacralidade. O mel exsudado confere-lhe um novo poder e soma-se às outras suas características sagradas o que pode ser considerado como uma bem sucedida “reinterpretação” de uma tradição milenar da Igreja Católica que, ao irromper, ainda é capaz de provocar uma grande mobilização.

#### Notas

<sup>1</sup> De “*hierofani*”, palavra grega que significa, literalmente, “algo sagrado está se revelando para nós”.

#### Referências Bibliográficas

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tratado de história das religiões**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, pp. 33-53, 2005. Editora UFPR.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, pp.29-46, dez. 2004.

SPENCER, Walner Barros. O espaço, o sagrado e o mundo moderno. Disponível em <[http://www.natalpress.com/index.php?Fa=aut.inf\\_mat&MAT\\_ID=298&AUT\\_ID=37](http://www.natalpress.com/index.php?Fa=aut.inf_mat&MAT_ID=298&AUT_ID=37)>. Acesso em: 20 jan. 2008, 11:34:29.

# Mal-Estar e Segregação Religiosa<sup>1</sup>

Andréa Brunetto\*

*Yo soy um moro judio/ que vive con los cristianos  
No sé que Dios es el mio/ ni cuales son mis hermanos  
Y a nadie le di permiso/ para matar en mi nombre  
Un hombre no es más que un hombre  
Y si hay Dios, asi lo quiso.  
El mismo suelo que piso/ seguirá, yo me habré ido;  
Rumbo también del olvido/ no hay doctrina que no vaya/  
E no hay pueblo que no se haya/ creido el pueblo elegido.  
Jorge Drexler y Chicho Sánchez Ferlosio*

*As energias que empregamos em sermos todos irmãos  
Provam bem evidentemente que não o somos.  
Jacques Lacan*

Este trabalho pretende explicitar as visões de Freud e Lacan sobre a religião, para em seguida discutir a segregação religiosa e os movimentos fundamentalistas que tem proliferado na atualidade. A psicanálise se interessa em estudar a segregação na medida em que investiga os laços sociais. Em entrevista a revista *Cult* de setembro de 2005, Baudrillard faz uma análise da contemporaneidade com sua queda dos ideais: “os racismos, fundamentalismos e grupos étnicos se apresentam como um sintoma desesperado de pessoas que procuram uma regra do jogo, porque não há mais”.

## Com Freud e Lacan

A vida é muito difícil de suportar, afirma Freud. Ela é muito árdua porque proporciona sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A tarefa impossível a que Freud se refere é a busca incansável que o homem empreende para alcançar a felicidade, busca solitária que cada um deve empreender porque sua solução não vale para os demais.

E, citando Frederico II, o imperador da Prússia – “em meu Estado, cada homem pode salvar-se a sua própria maneira” – marca sua posição: cada um procura ser feliz a seu modo. Nesse texto, *Mal-estar na civilização*, diz que isso é contra os valores religiosos, pois a religião restringe essa escolha, impondo a todos o mesmo caminho<sup>2</sup>.

Para Freud, a busca da felicidade é a busca do prazer, propósito do aparelho psíquico desde o início. Mas este projeto de ser feliz está em desacordo com o mundo. A civilização impõe limites à satisfação pulsional e o sujeito tem hostilidade para com “a civilização pela pressão que ela exerce, pela renúncia da pulsão”<sup>3</sup>.

Os homens não são seres gentis que desejam amar e ser amados, e que, no máximo, usam a agressão quando atacados, “são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade”. É Freud citando Plauto: o homem é o lobo do homem.

Os ideais culturais visam unir os membros da comunidade, vinculá-los por meio de uma

\*Psicanalista, AME da EPFCL-Brasil, diretora do Ágora Instituto Lacaniano. E-mail: brunetto@terra.com.br

meta comum, evitando que eles se destruam ou destruam os seus semelhantes. E, claro, nesses ideais também encontrarão satisfação narcísica. Estas três formas de unir os homens são a religião, a arte e a ciência.

A religião faz parte destes apoios para tornar tolerável o desamparo humano. Mas Freud a coloca como uma ilusão, um véu que barra a castração, à medida que faz existir um ser onipotente, o pai primevo, que Freud teoriza em Totem e Tabu. A existência desse Um pai, Deus, que tudo pode, permite aos seres humanos dar um sentido a morte, ao sexo, a vida. Enfim, diante das erupções do real, há alguém que sabe, que traça o destino dos homens.

Porém, Freud apostava na queda do poder da religião, afinal “os seres humanos não podem permanecer crianças para sempre. Têm de, por fim, sair para a vida hostil”.<sup>4</sup>

O trabalho de Eros é unir os homens em famílias, raças, povos, nações e numa única unidade, a humanidade. E Eros se digladiaria com a pulsão de destruição. “Nesta luta consiste essencialmente toda a vida e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. É essa batalha de gigantes que nossas babás tentam apaziguar com sua cantiga de ninar sobre o Céu”.<sup>5</sup>

A idéia de Freud é que uma educação para a realidade teria como meta fundamental preparar os jovens para lidar com sua agressividade, a qual todo homem se acha destinado. Assim, combateria as ilusões. Entre elas, é claro, a religião.

Freud apostava que o avanço da ciência colocaria o homem em uma relação com a verdade e contra as ilusões. Apostava, conseqüentemente, em uma queda de poder da religião.

No Seminário 11, Lacan sustenta que para o homem das luzes, do século XVIII, a religião era uma fundamental impostura, mas que para o homem do século XX é difícil entender esta descrença, pois “a religião, em nossos dias, goza de um respeito universal”. Fala mesmo, em uma entrevista de 1974 em triunfo da religião. A religião consegue dar um sentido às coisas que outrora eram coisas naturais. A psicanálise propõe uma verdade sobre o vazio que é diferente do que imediatamente dar um sentido a tudo que vem do real.<sup>6</sup>

Lacan afirma que se a religião triunfar, a verdadeira, o que é mais provável, isso será sinal que a psicanálise fracassou. Mas não quer dizer que a psicanálise desaparecerá, é até normal que ela fracasse, pois lida com algo que é muito difícil. E relembra Freud, colocando a psicanálise entre as profissões impossíveis.

Porém, Lacan acredita que Freud foi muito incisivo ao afirmar que tudo que é da ordem da religião não significava, ou mesmo acreditando que um dia o homem iria acordar. Afinal, a função do pai está no âmago da experiência religiosa. E é pelo assassinato do Um pai que se erige um totem, se funda o simbólico e, conseqüentemente, a civilização. Aliás, isso nos leva a questionar tantas teorizações sobre a carência da função paterna na contemporaneidade. Será que realmente, com o triunfo da religião, acreditando em Lacan, podemos falar em declínio da função paterna? Não é um paradoxo?

### **A segregação**

Freud já nos mostrou a dificuldade de cumprir o mandamento de amar o próximo como a si mesmo. Tomarei esta dificuldade por um viés: amar o próximo inclui a segregação. O laço social inclui a segregação. Até aí estamos sendo absolutamente freudiana. Segundo Palácios, o passo a mais, dado por Lacan, decorre de sua teorização sobre o gozo. O sujeito se ressentido de sua falta de gozo e onde há falta de gozo supõe um responsável. É para este responsável que a segregação e o ódio se dirige.



Assim, não existe nenhum ato humano que não esteja enfronhado no racismo. É essa a afirmação de Lacan em *Televisão*: somos muito precários em nosso mais-de-gozar e mais ainda, vestimos com um “humanitarismo sentimentalóide nossas atrocidades”. Assim, faríamos uma operação: quanto mais segregação, mais discurso de igualdade e direito humanos.

Para Lacan, as atrocidades são humanas, demasiadamente humanas, porém previa uma escalada do racismo e da segregação. Na proposição de 9 de outubro de 1967, Lacan sustenta que a exclusão tem uma coordenada real que foram os campos de concentração. O nazismo foi um precursor da exclusão, que a universalização do sujeito que procede da ciência também faz.

Soler afirma que a segregação é diferente da discriminação. O Antigo Regime, com uma sociedade escravagista, era discriminatório, mas não segregativo. Cada um tinha seu lugar, pois o significativo mestre era potente, o que permite tratar as diferenças de gozo.

Amós Oz conta que a Jerusalém de sua infância era um conglomerado de bairros com gente de diferentes culturas: armênios, árabes, judeus. E, mesmo entre os judeus, que vinham de diferentes países, se falavam várias línguas. Em *Meu Michel* chega a dizer que Jerusalém não existe, que ainda que viva cem anos, nela não se sentirá em casa, pois ela é plena de fortalezas ameaçadoras, de muros sombrios e altas muralhas. “Cidade que arde. Quarteirões inteiros pendurados no nada”. O que todos os bairros tinham em comum era o fervor messiânico, cada um se acreditando o portador da herança verdadeira. Havia tensões, cada um em seu bairro, mas não violência. É um exemplo de uma cidade discriminativa e sem segregação, como Soler afirma. Pelo menos naquele momento. Todos sabemos como está hoje.

### **O humor contra o fanatismo religioso**

No mês de fevereiro de 2006 foram feitas charges do profeta Maomé por um jornal dinamarquês, que enfureceram muito os muçulmanos e detonaram revoltas populares nos países árabes e ataques terroristas em embaixadas dinamarquesas pelo mundo. Em resposta, os europeus debocharam mais ainda dos islâmicos. Um ministro italiano deu entrevista na televisão com uma das charges desenhada na camisa. A pergunta que resultou foi: as charges deveriam ou não ser publicadas? Muitos jornalistas, filósofos, historiadores escreveram, falaram. Então, cremos poder também dar nossa opinião. Aliás, todos podem.

Salman Rushdie, escritor indiano que já foi jurado de morte por ter escrito *Os versos satânicos* afirma que na Universidade de Cambridge aprendeu uma coisa bem interessante em um país que, como a Inglaterra, já foi palco de tanta violência ligada a religião: você pode duvidar de tudo, criticar qualquer sistema de idéias, sem ser grosseiro com seus autores. Nenhuma teoria é sagrada. E isso, que ele chama o sagrado direito de ser ofendido é um avanço nas relações culturais.

Ele estava debatendo uma lei proposta por Tony Blair que pretendia introduzir uma proibição a toda forma de incitamento ao ódio religioso. “Nietzsche considerava o cristianismo a maior desgraça da humanidade. Ele deveria ser perseguido?” Uma lei assim, que censura e tolhe as opiniões, segundo ele, reforça o racismo.

Ele fala que foi dar uma palestra em Washington, em março de 2003 e um senador republicano lhe perguntou porque Osama Bin Laden disse que eles são um país descrente, “não há nada que nós respeitamos mais do que Deus”. Ao que ele, Rushdie, respondeu ‘eu suponho que ele não pense assim’. Tomando a sua cultura como o modelo, o senador republicano se mostrou tão intolerante com a religião do outro quanto Osama Bin Laden. E isso surpreendeu Rushdie, a indignação sincera do homem.

O filósofo esloveno Slavoj Zizek afirma que a medida do verdadeiro amor é poder insultar o

outro. Se há amor, se pode dizer coisas horríveis ao outro e nem por isso se faz uma guerra. E que isso de respeito pela cultura do outro, do politicamente correto parece a ele racismo. E ele mesmo se pergunta: como posso estar tão seguro de que não sou um racista? “Só há uma maneira: quando se pode trocar insultos, deboches, chistes sujos com um membro de uma raça diferente, e ambos sabemos que por trás não tem uma intenção racista. Se, ao contrário, jogamos o jogo politicamente correto ‘oh, como te respeito, que interessantes são teus costumes’, é um racismo invertido”.

Tanto Rushdie quanto Zizek apontam a tolerância, aprender a conviver com o diferente, inclusive criticando e aceitando a crítica, como a saída para o fundamentalismo religioso. Sustentamos que a segregação em nosso mundo atual tem envolvido muito mais os credos religiosos que as raças.

Se já sabemos com Freud que o ódio está no âmago dos laços sociais, como conseguir tal tolerância? O que poderia nos proteger da violência religiosa, como temos visto dia a dia nos noticiários? E não apenas entre religiões opostas. No começo do ano de 2006, no Iraque, xiitas e sunitas, ambos islâmicos, começaram uma onda de violência declarada – dizemos declarada, pois a hostilidade já vem de séculos.<sup>7</sup> É o narcisismo das pequenas diferenças. Freud já nos disse que onde as pessoas têm mais coisas em comum é onde se tecem as maiores batalhas.

Em quatro cartas trocadas entre o escritor japonês Kenzaburo Oe, Nobel de 1994, e o israelense Amós Oz, a segregação e a tolerância são discutidas. Hiroshima é para Kenzaburo um trauma assim como Auschwitz para Oz. Kenzaburo acredita que a tolerância será a questão do século XXI – as cartas foram trocadas em 1998 – mas previu uma corrente forte em sentido contrário. Segundo ele, a esperança é o poder da imaginação, cada pessoa tentando imaginar-se no lugar da outra.

Amós Oz responde que descobriu a cura do fanatismo: o bom humor. “Nunca vi um fanático bem-humorado e nem um bem-humorado se tornar fanático.”<sup>8</sup>

Zizek e Oz apostam no humor. Esta é a aposta freudiana também. O humor é um triunfo do eu e do princípio do prazer. Uma forma de lutar contra a “crueldade” do real. Freud diz que o humor é uma rebeldia, é como dizer: “Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria”.

Infelizmente, o humor é um dom raro, precioso, que poucos têm. Oz o sabe, já que alega que vai concentrar o bom humor em pílulas e distribuí-lo. Assim, mesmo o humor é uma saída precária, pois ele não é contagioso. Não é um dom distributivo.

Voltando agora às charges do Profeta Maomé, faremos uma analogia. Quando convidamos alguém para frequentar nossa casa, não é educado dizer ao convidado que ele está mal-vestido ou que não usa os talheres direito. Ser tolerante é saber o que se pode dizer a alguém. É levar em conta o que o outro pode saber.

Discordamos de Salman Rushdie que se possa questionar tudo, e mesmo de Zizek que se pode suportar tudo porque se ama. Afinal, é na cama onde o amor se deita que acontecem as piores tragédias. A verdade tem limites, não a dizemos toda. Ainda que pese as afirmativas de que os muçulmanos sejam fundamentalistas – mais uma universalização.

E além do mais, achincalhar a religião do outro é como – com as devidas proporções - dizer ao nosso convidado: coma direito, você está segurando o garfo de forma horrível. Temos certeza que qualquer pessoa bem educada acharia isso um horror. E além do mais, Freud já nos mostrou que o humor envolve quem o faz e quem o assiste. E com essas charges só houve graça para um lado.

É por isso que a epígrafe desse trabalho é um trecho da música *milonga do mouro judeu*. Seus autores dizem que mesmo pela Jerusalém dourada, de mil vidas mal gastadas em cada mandamento, a guerra é muito má escola, não importa o disfarce que ela use. Um homem não é mais que um homem. E se há Deus assim ele o quis”.

## Notas

- <sup>1</sup> Trabalho apresentado no II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas, em abril de 2006, na cidade de Dourados.
- <sup>2</sup> Sigmund Freud. "O mal-estar na civilização" (1929), in: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XXI.
- <sup>3</sup> Sigmund Freud. "O futuro de uma ilusão" (1927), in: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976, vol. XXI, p. 26.
- <sup>5</sup> Ibid, p. 145.
- <sup>4</sup> Ibid, p. 64.
- <sup>6</sup> Citamos o exemplo de Zizek: Jerry Falwell, figura conhecida americana, diante do ataque ao World Trade Center afirma que isto era um sinal de que Deus não mais protegia os EEUU, porque eles haviam tomado um caminho de maldade, homossexualidade e promiscuidade.
- <sup>7</sup> Os xiitas, que são maioria e que foram espezinhados no governo de Sadam Russein, descobriram que a intrusão do governo americano com suas eleições arranjadas lhes favoreceriam, já que são em maior número. Vejam que até um dispositivo democrático como a eleição pode ser usada para acirrar guerras.
- <sup>8</sup> Continuando o texto de Oz: "Em outras palavras, meu tipo de messias chegará rindo e contando piadas. (...) O fanatismo é muito contagioso. Pode-se pegá-lo no próprio ato de tentar curá-lo. Conheço o perigo de se tornar um fanático antifanatismo. Assim como a violência, o fanatismo pode se disfarçar de várias outras coisas".

## Referências Bibliográficas

- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*. Obras Completas. Vol. 21. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. *S. Mal-estar na civilização*. Obras Completas. Vol. 21. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. *O humor*. Obras Completas. Vol. 21. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.
- KENZABURO & OZ. *A dor compartilhada*. Caderno Mais. Folha de São Paulo, 10 de janeiro de 1999.
- LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 11: os conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Televisão*. RJ: JZEditor, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZEditor, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Proposição de 9 de outubro para o psicanalista da Escola*. Opção Lacaniana. São Paulo, agosto, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista a imprensa do Dr. Lacan*. 29 de outubro de 1974 no Centre Culturel Français-Rome. Tradução: Association Freudienne Internacional.
- OZ, A. *Contra o fanatismo*. RJ: Ediouro, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Meu Michel*. SP: Cia das Letras, 2002.
- PALACIOS, L. F. *Sujeto, acto y Responsabilidad*. In: Jóvenes bandas y acto delictivo. Asociación de Foros del Campo Lacaniano en Colombia, 1999.
- RUSHDIE, S. *O sagrado direito de ser ofendido*. Revista Bravo, encarte Livros. SP: Editora Abril, abril 2005.
- SOLER, C. *Sobre a segregação*. In: O brilho da infelicidade. RJ: Contracapa, 1998.
- ZIZEK, S. *La medida del verdadero amor es: Puedes insultar al outro*. Entrevista dada a Sabine Reul e Thomas Deichmann. Instituto de Essen, Alemanha. 2002.

# Considerações sobre Psicanálise e Religião

Juliana Gontijo\*

A religião perpassa ao longo do processo de desenvolvimento das civilizações, se figura como alvo de pesquisas e discussões e pode-se definir como uma relevante investigação no campo psicanalítico.

Na obra “O Mal-estar na Civilização” (1929), Freud apresenta como tese o fato da cultura produzir um mal-estar nos seres humanos, visto que existe um antagonismo intransponível entre as exigências da pulsão e as da civilização. Para que a civilização possa se desenvolver o homem tem que pagar o preço da renúncia da satisfação pulsional.

A vida em sociedade exige a renúncia dos desejos individuais por outros mais conciliatórios com a coletividade. O processo civilizatório é, então, marcado pela renúncia e pelo sentimento de insatisfação que os homens experimentam vivendo em sociedade. O resultado disso é o mal-estar produzido pelo conflito entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização.

No momento em que Freud tem a intenção de tratar de temas como a felicidade, a civilização e o sentimento de culpa, utiliza como ponto de partida seu trabalho anterior, “O Futuro de uma Ilusão” (1927), onde o anseio pelo pai e pelos deuses é descrito em função de uma tarefa triplíce: “[...] exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs” (FREUD, 1927, p.29).

Freud (1929) observa também que o homem é originalmente mal ou agressivo. Sendo assim, a civilização tradicionalmente utiliza determinados mecanismos a fim de domar esta agressividade. Analisa que ao lado da filosofia, da arte e da moral, a religião é parte do conjunto de meios elaborado pela civilização na tentativa de defender-se das tendências destrutivas dos indivíduos. A religião teria ainda o papel de apaziguar a angústia que a consciência da finitude da vida provoca no homem, em outros termos, o homem encontra na religião uma resposta ilusória às questões insolúveis do sofrimento e da morte.

O autor é extremamente crítico frente à religião, seus efeitos de inibição e atrofia intelectual e ao seu poder de alucinação, comparando-a a um narcótico. Contudo, reconhece que as idéias religiosas possuem um incomparável poder de influência na humanidade uma vez que oferece proteção contra o desamparo e promete felicidade.

Além disso, Freud afirma que a natureza do homem exige este tipo de controle para que ele possa viver em sociedade. Dessa forma, se a religião fosse extinta, inevitavelmente, o homem criaria outro sistema de doutrina com as mesmas características para se defender. A essência da atitude religiosa é a busca pelo remédio para a sensação de insignificância diante do universo. E, caso o homem abandonasse de vez a religião teria que admitir para si mesmo que é desamparado no mundo e que não há uma providência que lhe criou e ampara.

A força da religião reside, portanto, em sua função tamponadora do real. Para Lacan, o real é o que não funciona, não tem sentido, está sempre além do previsível, é radicalmente indomesticável e só se demonstra pelos seus efeitos. As religiões seriam então, tentativas de modelar o real, de dar-lhe um sentido.

\*Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Pós-graduada no curso de Psicólogo Perito Examinador pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Membro do Ágora Instituto Lacaniano. E-mail: julianagontijopsi@uol.com.br - Fones (67) 3321-0449 / 9221-4938.

Frente ao impasse, à angústia que acompanha o real que se impõe, a religião se apresenta. Lacan (1974) ressalta “Desde o começo tudo o que é religião consiste em dar um sentido às coisas que outrora eram as coisas naturais. [...] A religião é feita para isso, para curar os homens, isto é, para que não percebam o que não funciona” (2005, p. 72).

Assim, pode-se relacionar a grande influência do discurso religioso à oferta de sentidos para o que quer que seja. E Lacan adverte “Saibam que o sentido religioso vai ter um boom do qual vocês não têm a menor idéia. Porque a religião é a moradia original do sentido. Isto é uma evidência que se impõe” (1972-1973, p. 54).

É possível analisar que a religião tampona a angústia da decisão na medida em que esta é conforme a vontade de Deus e já está determinada nos princípios da igreja e na Bíblia. O homem tem na religião a possibilidade de não ter trabalho com seu próprio desejo, uma vez que basta entregá-lo a Deus.

Lacan, bem como Freud, adota uma posição crítica com relação ao discurso religioso. Entende-o como sustentado por uma hierarquia social possuidora de uma tradição milenar de relação com a verdade que vai contra a causa psicanalítica.

A religião ocupa o lugar de acomodação da angústia ofertando sentido para além da vida humana, explica os enigmas do mundo, garante a compensação das frustrações terrenas numa existência futura, produz respostas generalizáveis. Enquanto a psicanálise aponta para um lugar insustentável, difícil de se conviver, se ocupa em abrir espaço para o sujeito fazer sua singularidade.

Em 1974, Lacan afirma “Se a religião triunfar, como é o mais provável [...] isso será o sinal de que a psicanálise fracassou. É muito normal que ela fracasse, porque aquilo ao qual ela consagra é muito, muito mais difícil.” E acrescenta que “(...) a psicanálise não triunfará: sobreviverá ou não”.

Vale ressaltar que Lacan lutou para que a psicanálise não se tornasse uma espécie de religião. Atesta em “Ciência e verdade”: “Quanto à religião, ela deve, antes, servir-nos de modelo a não seguir...” (1965-1966, p. 891).

A psicanálise tenderia à religião se considerasse que a interpretação vem do sentido. E, Lacan nos ensina que sua mola está em outro lugar, nomeadamente no significante. Conforme Laberge “[...] a experiência da análise consistiria, não em encontrar um sentido último dos conflitos psíquicos, mas pelo contrário, em esgotar o sentido que, de certo modo, vem inflá-los.” A psicanálise e a religião, constituem, portanto, duas formas opostas de operar com o sentido.

#### Referências Bibliográficas

- FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1921/1996.
- \_\_\_\_\_. O Mal-estar na Civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.
- LABERGE, Jacques. *Os deuses pertencem ao campo do real*. Disponível em <<http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/art042.htm>>. Acesso em: 28 Ago 2008.
- LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1965-1966/1998.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista à imprensa do Dr. Lacan*. Disponível em: <[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105)>. Acesso em: 28 Ago 2008.
- \_\_\_\_\_. O Seminário, livro 20: *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-1973/1985.
- \_\_\_\_\_. *O Triunfo da Religião*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- ROUDINESCO, Elisabeth. e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.



# O Presente de uma Ilusão: A Religião a Partir do Pensamento de Freud e de Lacan<sup>1</sup>

Francina Evaristo de Sousa\*  
Eduardo Barbosa Lenzi\*\*

Em 1927, Sigmund Freud publica *O Futuro de Uma Ilusão*, obra na qual evidencia-se sua condição de herdeiro do Iluminismo francês naquilo que concerne a sua perspectiva em relação à ciência e à religião, qual seja: a esperança de que o desenvolvimento racional-científico viesse a sobrepor-se ao pensamento e ao sentimento religioso.

Para Freud uma certa parcela da questão religiosa passa por aquilo que podemos chamar aqui de *desamparo original* do homem, que seria um dos principais motivos que levaram o homem a *realizar a civilização*, assim como também seria um dos fatores mais importantes para as *realizações da civilização*<sup>2</sup>. Em ambos os casos este desamparo original é algo bastante objetivo e relaciona-se com a impotência do homem diante das forças naturais. Esta fraqueza do homem diante da natureza não leva apenas às realizações materiais através do trabalho, mas conduz também às realizações espirituais, por assim dizer, da civilização, entre as quais a religião. Desta forma, para Freud, aquilo que na natureza não poderia ser controlado através de uma concreta elaboração – no sentido próprio de labor material –, deveria ser submetido ao controle defensivo por meio da religião.

Freud é cômico de que por maior que seja o nível de desenvolvimento material de uma civilização, esta, muito provavelmente, nunca conseguirá dominar plenamente a natureza, restando sempre um algo a mais não conquistado. Deste modo, diante do indomável natural, os homens criam a religião numa tentativa de lenir seu desamparo terrificante, seguindo o modelo há um só tempo onto e filogenético de relacionamento com o pai, fato que já havia sido apresentado por Freud em *Totem e Tabu*, de 1912. Consonante o psicanalista austríaco:

Do mesmo modo, um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com que pode associar-se como seus iguais – pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele –, mas lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses, seguindo nisso [...] não apenas um protótipo infantil, mas um protótipo filogenético (1997, p.26).

Assim, não apenas a relação assimétrica “filho-pai” ou “irmãos-pai primevo” é *deslocada* para a religião, mas também as *ambivalências* (amor-ódio, veneração-medo, desejo de matar-culpa, etc.) que tal relação pressupõem. A conclusão de *Totem e Tabu* não deixa dúvidas quanto à descoberta que Freud pretende ter empreendido no campo religioso. Segundo ele:

Ao concluir [...] esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião [...] convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses [...] (1999, p.159).

\*Psicóloga graduada pela UNESP, pós-graduada em Saúde Mental pela UNICAMP e especialista em Saúde do Trabalhador pela FIOCRUZ. Membro do Fórum do Campo Lacaniano do Mato Grosso do Sul. E-mail: francinasousa@yahoo.com.br

\*\*Graduado em história pela UEM, mestre em filosofia pela PUC/Campinas.

Além de um deslocamento do complexo de Édipo, a religião pretende também apaziguar a angústia real que a consciência da finitude da vida provoca no homem: ao desenvolverem seus constructos religiosos os homens inventam também uma maneira de vencer a morte, fazendo dela não o fim, mas “o começo de um novo tipo de existência que se acha no caminho da evolução para algo mais elevado.” (1997, p.31).

Em relação à importância da religião para a estruturação da vida subjetiva, esta seria importante como um manancial normativo que deve ser interiorizado pelo sujeito, colaborando, deste modo, na construção de seu supereu (1997, p.19).

Aqui a finalidade é a própria sobrevivência da civilização, já que para Freud “todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização” (1997, p.11), pois ela exige um alto grau de renúncia pulsional. Mas além desta renúncia, Freud aponta um outro fator de ameaça à civilização, qual seja: “o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais [...]”<sup>3</sup> (1997, p.11), tendências estas que a religião também deve considerar em suas regulações.

Porém, a religião não é apenas uma instância normativa que impõe proibições que frustram a satisfação pulsional. Se por um lado a religião proíbe, frustra e priva, por outro ela também promete aos homens “compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs” (1997, p.30), ou seja, a religião promete recompensar aqueles que se submetem as suas normas, que são, por fim, garantidoras da própria civilização como um todo.

Entretanto, nesta brevíssima exposição das considerações de Freud sobre a religião ainda não respondemos a uma questão fundamental: por que o psicanalista considera a religião uma ilusão que deveria – e tenderia – a ser superada?

Freud considera a religião uma ilusão não porque ela seja falsa, irrealizável ou necessariamente contraditória à realidade, mas porque ela deriva de desejos humanos, isto é, “podemos [...] chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação” (1997, p.50). Deste modo, a ilusão situa-se em uma posição antagônica ao pensamento e à atitude racional-científica.

N’O *Futuro de Uma Ilusão*, Freud aposta na razão contra a religião, sem, contudo, manter ilusões quanto aos limites da razão e da ciência. No entanto, acredita que não haja motivos para o reconhecimento destes limites continuarem conduzindo às formulações religiosas. Segundo ele “nossa ciência não é uma ilusão”, já que ela não despreza a realidade, mas antes parte dela e nela reconhece seus limites, “ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar” (1997, p.87), afirma ele.

Do mesmo modo, Freud sabe que o controle racional das pulsões sempre manterá sua precariedade, pois para ele o intelecto possui um poder bastante exíguo frente as potências da vida pulsional. Contudo isto não o impede de reconhecer que:

[...] há algo de peculiar nesta fraqueza. A voz do intelecto é suave, mas não descansa enquanto não consegue uma audiência. Finalmente, após incontável sucessão de reveses, obtém êxito. Esse é um dos poucos pontos sobre o qual se pode ser otimista a respeito do futuro da humanidade, e, em si mesmo, é de não pequena importância (1927<sup>a</sup>, p.83).

E Freud ainda diz mais: “[...] a longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais.” (1927, p.84).

No entanto, quase oitenta anos já se passaram desde a formulação da afirmação supracitada, e o pensamento e o sentimento religioso, contrariando as esperanças de Freud, parecem estar longe de esmorecerem e muito menos de desaparecerem, mesmo diante dos inúmeros “avanços” científicos e tecnológicos que ocorreram desde então. Resta, assim, uma pergunta: o que ocorreu?

Para esboçarmos uma resposta a esta pergunta, acreditamos ser relevante recorrermos à outro psicanalista, o francês Jacques Lacan. Em 1974, Lacan concede uma entrevista coletiva em Roma, a qual foi estabelecida como texto por Jacques-Alain Miller sob o título *O Triunfo da Religião*. Ao ser interrogado sobre a religião, se esta triunfaria, inclusive sobre a psicanálise, responde: “Sim. Não triunfará apenas sobre a psicanálise, triunfará sobre muitas outras coisas também. É inclusive impossível imaginar quão poderosa é a religião” (2005, p.65).

Para Lacan, todo este poder da religião advém da sua capacidade de atribuir sentido às coisas em geral, uma capacidade que a ciência não possui. A ciência, e sobretudo a psicanálise, tendem a perscrutar o real e, para Lacan, o “real é o que não funciona” (2005, p.63). Por isto haveria na ciência uma inclinação mais para a perturbação do que para o apaziguamento, e Lacan não está convencido, de modo algum, de que os homens estejam dispostos a viverem suas vidas sem um sentido, isto é, em um mundo que não funcione. Deste modo, Lacan coloca a psicanálise e a ciência sob o mesmo estatuto, qual seja, o de engajar-se “na falta central em que o sujeito se experimenta como desejo” (1985, p.251). A religião, ao contrário, teria a capacidade, ao menos imaginária, de tamponar esta falta. Segundo o psicanalista francês:

[Os religiosos] gastaram um tempo, mas de repente compreenderam qual era sua chance com a ciência. Não precisam dar um sentido a todas as reviravoltas introduzidas pela ciência. E, no que se refere ao sentido, eles conhecem um bocado. São capazes de dar sentido a qualquer coisa. Um sentido à vida humana, por exemplo. São formados nisso. Desde o começo, tudo o que é religião consiste em dar um sentido às coisas que outrora eram coisas naturais. Não é porque as coisas vão se tornar menos naturais, graças ao real, que se vai parar de secretar o sentido. E a religião vai dar um sentido às experiências mais curiosas, aquelas pelas quais os próprios cientistas começam a sentir uma ponta de angústia. A religião vai encontrar para isso sentidos truculentos. É só ver o andar da carruagem, como eles estão se atualizando (2005, p.65).

Se para Freud o andar da carruagem racional-científica levaria ao enfraquecimento das ilusões religiosas, Lacan por sua vez coloca o problema em termos opostos, isto é, *os desenvolvimentos científicos ao invés de enfraquecerem a religião contribuem para o seu fortalecimento*. Se assim o é, Lacan não tem dúvidas de que o sentido religioso acabará, por fim, “engolindo” a própria psicanálise. Por isto Lacan afirma ao seu entrevistador: “Mas você verá que a humanidade será curada da psicanálise. Por força de mergulhá-lo no sentido, no sentido religioso naturalmente, acabarão recalando esse sintoma” (2005, p.67).

#### Notas

<sup>1</sup> Adaptado do trabalho “O presente de uma ilusão: ‘O triunfo da religião’”, apresentado no II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas da UFGD/UFMS, 2006.

<sup>2</sup> Vale lembrar que Freud, diferentemente de outros pensadores de tradição germânica, não faz distinção entre cultura (*Kultur*) e civilização (*Zivilisation*). Segundo ele, com a expressão “civilização humana [...] quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização [...]”. (1997, p.10).

<sup>3</sup> Esta idéia de “tendências destrutivas” e sua relação com a civilização será melhor desenvolvida por Freud n’*O mal-estar na civilização*, de 1930.

#### Referências Bibliográficas

FREUD, S. *O Futuro de Uma Ilusão*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. *Totem e Tabu*. Trad. Orizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LACAN, J. *O Seminário - Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Triunfo da Religião*. Precedido de, Discurso aos Católicos. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

# Pai Todo-Poderoso

Giovana Guzzo Freire\*

*No princípio era o Verbo,  
E o Verbo estava com Deus,  
E o Verbo era Deus. (João 1.1)*

Para Freud, a religião atende ao anseio ao pai, a forças superiores e inexplicáveis sobre a natureza e o anseio de retificar as deficiências da cultura. Na religião, prega-se que a verdade e as respostas para as dúvidas e angústias serão respondidas, mas a Psicanálise acredita que não há respostas para tudo, pois não é possível explicar tudo o que no inconsciente habita, inicia-se então uma das diversas controvérsias entre Psicanálise e Religião (DAVID, 2003).

De acordo com Silva (1993) a natureza da psicanálise, enquanto conhecimento diferencia-se através de um saber, de explicar a conexão entre observação científica – que é a um só tempo objetiva e subjetiva – e, no mesmo ato, sobre seu observador. Sujeito e objeto formam uma unidade: o conhecimento característico do ser humano.

O que preocupa a psicanálise é a dinâmica psíquica que é encontrada no fenômeno observado. Este, por sua vez, é intimamente ligado aos conteúdos do recalcado próprio a cada ser humano: é no recalcado que se encontra a história das escolhas de objeto e das pulsões.

Assim como os caminhos do desejo em suas tentativas de realização alucinatória. Isso significa que, por mais que o sujeito se esforce para responder objetivamente, os recalcamientos presentes desde o início de sua vida, impedem o acesso aos cenários fantasmáticos que alicerçam aquilo que ele está nos comunicando. É essa realidade psíquica que é o objeto de pesquisa em psicanálise (CECCARELLI, 2001).

Uma mulher, que tem fervorosa crença em sua religião diz durante a análise:

1) *“Me diz, porque tanto sofrimento? Estou pagando meus pecados?”* 2) *“Deus que me perdoe, mas a causa de meu sofrimento está em mim, não consigo perdoar meu pai que abandonou a casa...”*

Apenas com esses dois fragmentos, veremos parte do desenvolvimento de um caso de uma mulher de estrutura histérica, que chega ao consultório com a reclamação de muita angústia e descreve a todo o momento a relação conturbada e sofrida que teve na infância com os pais e atualmente a repetição deste sofrimento com seu marido. Não nos deteremos na descrição do caso clínico, mas propomos ao leitor realizar uma reflexão entre a religião, neurose e histeria.

Durante as sessões, o inconsciente se manifesta cada vez mais, pontuando questões na vida da paciente que as faziam perceber que nem tudo há resposta e nem sempre há verdade. Quando começou a perguntar nas sessões se Deus a perdoaria por ter um pensamento ruim sobre o marido e o pai, algo naquele momento possibilitava o surgimento de uma compreensão, de uma diminuição da angústia. A paciente percebeu que o sintoma que antes parecia ter resposta para tudo bastando *clamar a Deus*, estava transformando-se em questões que não se calavam.

Ao longo das sessões, o modo como explicou sobre o relacionamento de amor e ódio com o cônjuge, foi possível observar que houve uma repetição dos relacionamentos, como Freud em 1932

\*Psicóloga da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social de Coxim-MS. Especialista em Gestão Empresarial e de Recursos Humanos pela UNAES Campo Grande-MS. Psicóloga clínica e membro do Ágora Instituto Lacaniano em C. Grande-MS. E-mail: giovanaguzzo@gmail.com

(*apud* QUINET, 1991) já dizia, muitas mulheres escolhem o marido conforme o modelo do pai, repetindo em sua união conjugal, seus maus relacionamentos com a mãe.

A paciente, durante as entrevistas preliminares saiu do discurso da histérica e entrou no discurso de analista, porque, fazendo uma releitura de Quinet (1991) essa mulher passou da fase das respostas prontas e iniciou aos questionamentos. Esse momento em que o sintoma é transformado em enigma é chamado de histerização do sujeito, uma vez que, o sintoma representa então, a divisão do sujeito. A dúvida é característica do neurótico porque denota uma divisão, fica entre o sim e o não.

Durante o tratamento, a paciente ficava também bastante dividida entre acreditar naquilo que ouviu durante sua vida toda sobre religião e suas próprias descobertas e pontuações acerca de si própria na análise. A religião neste caso fica no lugar do pai perdido da infância a quem a criança deve bendizer e agradecer ao longo da vida. Mas o que de bem, dizer, de um pai que fracassa na bênção?

No fantasma neurótico o sujeito supõe que o outro saiba sobre seu gozo, seu desejo, enfim, sobre ele. A religião tenta esconder a falta com a promessa de tudo explicar, mas esquece-se que a histérica sempre aponta para a falta. Então, podemos pensar que a religião seria opositora da histeria, seriam *coleguinhas sempre em conflito*, pois, ao tentar responder o que ela não quer saber, falha. Falha ao tentar fazer o que a histérica pede, pois, seu pedido não é o que ela deseja, e como a religião não sabe disso, escorrega para dentro da arapuca armada pela histérica, conferindo assim, a marca de insatisfação a seu desejo.

A Psicanálise aposta no sujeito do inconsciente e o que importa para o sujeito é sua inscrição num desejo que não seja anônimo. Assim sendo, mesmo com as diversas funções os quais temos no cotidiano, isso não atrapalha o sujeito, desde que, o encontro com a palavra tenha feito a verdadeira entrada na família. Então se verifica que mesmo diante de muitas separações físicas e reais, se a criança tiver seu lugar na família não se torna tão complexa essa novela. Mesmo porque com o aparecimento do sintoma surge a direção e o ordenamento do desejo contido na fantasia e, na clínica, é possível descobrir que lugar cada sujeito ocupa na família (NOMINÉ, 2007).

Na vida desta mulher, torna-se possível findar uma reflexão a qual, a crença em Deus-Pai-Todo-Poderoso e o apego à religião são tentativas de resgatar o pai salvador da infância, que foi perdido, que a olhe e que lhe dê um lugar na família.

Conforme diz no Livro de Eclesiastes: *há, um tempo, para todas as coisas, um tempo determinado por Deus*. Desse modo, como pode um sujeito que não teve sua inscrição na família, não esperar até hoje um reconhecimento do Outro? Nem que ele venha de fora, que não seja da família, mas que seja um salvador detentor da glória que de algum modo, um dia irá responder todas as perguntas, então... eis o Todo-Poderoso do sujeito: Deus.

#### Referências Bibliográficas

- CECCARELLI, PR. Pesquisa em Psicanálise. Texto apresentado no "I Simpósio o Homem e o Método" e "II Encontro das Escolas de Psicologia de Belo Horizonte" no dia 28 de abril de 2001 na PUC-MG. Disponível em: <[www.ceccarelli.psc.br](http://www.ceccarelli.psc.br)> Acesso em 4 de junho de 2005.
- DAVID, S. Freud e a religião. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003
- NOMINÉ, B. O sintoma e a estrutura familiar. In: STYLUS, revista de psicanálise, n. 15, novembro 2007. Rio de Janeiro: Associação Fórum do Campo Lacaniano.
- QUINET, A. As 4+1 condições da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1991.
- SILVA, M. E. L. Investigação em psicanálise. Campinas, SP: Papirus, 1993



# O Deslize de Deus

Isloany Dias Machado\*

*“Entre palavras e combinações de palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavra somos, finalmente, mas com que significado, que não sabemos ao certo?”(Carlos Drummond de Andrade)*

O primeiro livro da Bíblia, Gênesis, que significa o princípio, conta uma parábola sobre a criação da humanidade. Após ter criado tudo o que há na Terra, “criou, pois, Deus o homem à sua imagem”<sup>1</sup> e semelhança, o fez do pó da terra e da costela deste fez a mulher, porque não achou bom que estivesse só. E ambos foram feitos seres incompletos, o homem sem uma costela e a mulher, uma parte faltante no homem e, portanto, não-toda. E tudo caminhava bem neste paraíso criado por Deus para que o homem pudesse viver e desfrutar delícias ao lado de sua companheira. Mas naquele lugar idílico havia um proibido/interdito:

Ordenou o senhor Deus ao homem dizendo: de toda árvore do jardim podes comer livremente; mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás; porque no dia que dela comeres, certamente morrerás.<sup>2</sup>

A ordem foi para que não tomassem conhecimento da verdade, caso contrário, a morte viria como consequência. Mas de que morte Deus estava falando? Seria a morte sair da alienação, da indiferença à realidade psíquica? Quis Deus que o homem fosse poupado de saber sobre sua condição de ser faltante? Deus acreditou que o ser humano se adaptaria bem à não verdade e, de fato, o homem estava bem disposto a obedecer à proibição. Foi a mulher que expôs sua falta e “deixou-se” iludir pela serpente:

Disse a serpente à mulher: Certamente não morreréis. Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; pelo que coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais.<sup>3</sup>

A serpente explica à mulher qual era o sentido da morte ao dizer que comer o fruto significava saber. O fruto da árvore proibida tinha o sabor do saber<sup>4</sup>. Em Psicanálise, “o que chamamos de saber é uma certa posição em relação à ignorância. Lacan falou da paixão pela ignorância como o que deve guiar nossa relação com o saber. Paixão pela ignorância não quer dizer paixão por nada saber, mas estar mobilizado pelo que não se sabe”<sup>5</sup>. A morte significava ser como Deus, conhecedor do bem e do mal. Viver no paraíso custaria ao homem<sup>6</sup> não ter consciência de sua verdade enquanto ser de falta. Com o discurso de terem sido enganados, a mulher pela serpente e o homem pela mulher, preferiram a morte ao paraíso. Talvez o que Deus não previu foi que ao impor uma proibição, despertaria o desejo e a dúvida. Assim como uma criança que, ao ser prevenida pelos pais de que não deve colocar o dedo na tomada, aí sim que o coloca, como que testando a verdade atribuída por eles. Lacan, em seu *Seminário 7*, fala sobre a Lei, enquanto interdição, e a Coisa, o objeto perdido:

\*Psicóloga graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Psicóloga membro do FCL-MS, atua no CREAS e na Clínica. Rua Bento Machado Lobo, 1887 - Centro - Glória de Dourados-MS. Fone (67) 3466-3238 - Cel. (67) 9995-7837. E-mail: isloanymachado@gmail.com

É a Lei a Coisa? De modo algum. Mas eu não conheci a coisa senão pela Lei. Porque não teria idéia da concupiscência se a Lei não dissesse – Não cobiçarás. Foi a Coisa, portanto, que, aproveitando-se da ocasião que lhe foi dada pelo mandamento, excitou em mim todas as concupiscências; porque sem a Lei a Coisa estava morta. Quando eu estava sem a Lei, eu vivia; mas, sobrevivendo o mandamento, a Coisa recobrou vida, e eu morri. Assim o mandamento que me devia dar a vida, conduziu-me à morte. Porque a Coisa, aproveitando da ocasião do mandamento, seduziu-me, e por ele fez-me desejo de morte. (...) A relação dialética do desejo com a Lei faz nosso desejo não arder senão numa relação com a Lei, pela qual ele se torna desejo de morte.<sup>7</sup>

Adão e Eva desafiaram a ordem de Deus, mostrando, assim, que não acreditavam plenamente nele, nem em sua completude. Descobrem, então um furo no Outro e saem da alienação imposta por Ele. Percebem que estão nus, o que implica dizer que tomam consciência de que são seres desprotegidos, de falta, pois se aquele que criou todas as coisas é incompleto, também o é o homem, já que fora feito à imagem e semelhança dele.

É a dúvida que permite ao homem ter conhecimento sobre o furo de Deus, mas a consequência desse ato foi a expulsão do paraíso, pois, ao descobrir o que havia acontecido,

Disse o senhor Deus: Eis que o homem se tem tornado como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Ora, não suceda que estenda a sua mão e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente. O senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden (...) e havendo lançado fora o homem, pôs ao oriente do jardim do Éden os querubins, e uma espada flamejante que se volvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida.<sup>8</sup>

Nada havia sido dito sobre a árvore da vida. Para quem Deus diz “eis que o homem se tem tornado um de nós?” Há algo que Deus não permite que o homem tenha acesso, qual seja, a árvore da vida eterna, e esta se torna a grande hiância entre ambos, a mortalidade daquele. E o homem passou a viver na terra, tendo que sobreviver do suor de seu trabalho. A mulher, como castigo por seu pecado tão original, passa a sentir dores no parto. A serpente é amaldiçoada e condenada a andar sobre o próprio ventre e a comer pó.

Mas por que é chamado Deus, se não é completo? Se precisa de querubins para guardar o grande segredo? Por que Deus criou o homem se este o ameaçava? Por que o criou como único ser dotado de linguagem?

Criou, pois, Deus o homem à sua imagem : à sua imagem, o homem a Deus, pois, criou; depois inverteu a sentença e a esqueceu. Mas antes colocou na responsabilidade divina o maior segredo entre eles: as duas árvores, do conhecimento e da vida. Deus, achando que poderia confiar no esquecimento do homem, deixou-lhe avisado que não poderia comer do fruto da árvore do conhecimento, despertando nele a curiosidade. O homem rivalizou então com Ele, comendo do fruto, e o conhecimento sobre a falta divina veio à tona, descobriu que Deus não era tão poderoso quanto dizia ser. Ainda assim, apenas uma meia-verdade. Como medida preventiva, Deus expulsou o homem e o deixou bem longe da outra árvore, para que ele nunca soubesse que o próprio Deus era criação sua e que a árvore da vida eterna não passa de um grande desejo de ser superior a tudo o que inexplicavelmente existe e se vai. As duas árvores, a do conhecimento e a da vida são, respectivamente, dois grandes representantes da tendência humana, um de acomodar-se à não verdade e o outro de acreditar que poderá viver eternamente. Para Lacan “a dimensão da verdade é misteriosa, inexplicável, nada permite decisivamente discernir-lhe a necessidade, pois que o homem se acomoda perfeitamente à não-verdade.”<sup>9</sup> Neste acerto, ambos esqueceram-se de contar com o desejo de saber como uma possibilidade no homem.

Com a inversão da parábola do Éden pretendeu-se aqui fazer uma metáfora sobre as diversas possibilidades que se mostram perante as palavras ditas, seja na Bíblia Sagrada, seja no Alcorão, enfim, os seres humanos são verbosos e dialéticos e, em tal condição, criam formas de ludibriar a verdade do inconsciente, utilizando as palavras da forma como lhe aprouver. Segundo Freud:

As palavras, originalmente, eram mágicas e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens.<sup>10</sup>

No livro *Complexo de Portnoy* de Philip Roth há uma passagem em que o personagem, em processo analítico, se surpreende com as possibilidades da linguagem:

Puxa, isto é formidável! (...) Meu Deus! A língua é uma forma de comunicação! A conversa não é apenas um fogo cruzado, em que a gente dá tiro e recebe tiro! Onde a gente tem de se desviar para não morrer e fazer pontaria para matar! As palavras não são apenas bombas e balas, não; são presentinhos, contendo significados!<sup>11</sup>

E assim caminha a humanidade, surpreendendo e sendo surpreendida pelos meandros da linguagem, cada um a seu modo, da forma como é possível: O neurótico obsessivo “é, em suma, um ator que desempenha seu papel e assegura um certo número de atos como se estivesse morto. O jogo a que ele se entrega é uma maneira de colocá-lo ao abrigo da morte”<sup>12</sup>; o histérico fica o tempo todo tentando achar a falta nos Outros que passam por sua vida; o psicótico, por vezes, se torna aliado de Deus, já que este não é todo, na tentativa de manter a alienação sobre a verdade da coisa.

#### Notas

<sup>1</sup> Bíblia Sagrada. Gênesis 1:27.

<sup>2</sup> Idem 2:16-17

<sup>3</sup> Idem 3:4-7

<sup>4</sup> A palavra saber significa ter conhecimento, certeza, compreensão, mas, em algumas situações pode significar ter sabor ou gosto de algo.

<sup>5</sup> M. STRAUSS. O mestre e a verdade in Marraio nº 3, p. 15.

<sup>6</sup> Em termos de humanidade.

<sup>7</sup> J. LACAN. O Seminário Livro 7: A ética da psicanálise, p. 106.

<sup>8</sup> Gênesis 3:22-24

<sup>9</sup> J. LACAN. O Seminário livro 3: As psicoses, p. 245.

<sup>10</sup> S. FREUD. Conferência I: Introdução. Obras Completas. Vol 15, p. ???

<sup>11</sup> P. ROTH. Complexo de Portnoy, p. 158.

<sup>12</sup> J. LACAN. O Seminário livro 4: A relação de objeto, p. 26.

#### Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

AULETE, Caldas. *Mini dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. *Livro de Gênesis*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1989.

FREUD, Sigmund. Conferência I: Introdução. Obras Completas. Vol 15. Rio de Janeiro: Editora Imago, ????

LACAN, Jacques. *O Seminário Livro 3: As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Seminário Livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Seminário Livro 7: A ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ROTH, Philip. *Complexo de Portnoy*. Porto Alegre: L&PM, 1984.

STRAUSS, Marc. O Mestre e a verdade. P. 9-24. Marraio nº 3: Os impasses do saber. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

# Um manto sagrado sobre a angústia

Rita Gresenberg\*

*Pai nosso que estais no céu  
Santificado seja o vosso nome;  
Venha a nos o vosso reino  
E seja feita a vossa vontade...  
...e não nos deixeis cair em pedaços,  
Mas nos livrai do mal, amém  
(oração de uma garotinha de três anos e meio)*

Vivemos em uma época que tem experimentado, pelo menos aparentemente, uma liberdade nunca antes vista; as promessas de felicidade se anunciam a cada esquina. Tudo é permitido, tudo é possível, e já não há limites, contanto que o prazer e bem estar do indivíduo esteja assegurado. Já a algum tempo “é proibido proibir” e elementos como honra, fidelidade, compromisso, sacrifício, se converteram em pálidos ideais, onde predominam as vivas cores da auto realização e satisfação pessoal.

Neste mesmo tempo, que tem a marca do esvaziamento da autoridade paterna, desaparecimento das festas culturais e tradições, assim como declínio de outras instâncias reguladoras e orientadoras, uma nova ordem é estabelecida: “O dever de viver e gozar”, que é imposto com tamanha ferocidade, que chega a afrontar quaisquer ideais e objetivos coletivos. É um tempo onde o sujeito já não deve mais nada, senão ao seu direito de gozo.

Com as possibilidades tecnológicas avançando a cada dia, e se apresentando como capazes de dominar o Real, a lista de imperativos de consumo também tem se multiplicado, prometendo/exigindo sempre mais; mais felicidade, mais lucro, mais potência, mais aventura, mais saúde, mais beleza, mais magreza,... mais, sempre mais!

O sujeito pós moderno, que se tornou herdeiro de uma função paterna empobrecida e desgastada, passa a experimentar um desligamento em relação ao Outro, vai sendo pouco a pouco esmagado por uma enxurrada de demandas difíceis de sustentar, pois carente do recurso que possibilitaria a regulação de seu gozo, se acha de repente, afetado, pelo real não mediado, que o invade, sem disfarce, sem engano, e sem alibi.

Lacan nos apresenta com bastante clareza o Nome-do-Pai enquanto significante da Lei, separando o sujeito e o Outro do gozo, possibilitando a partir daí o fundamento e suporte para o desejo, sem o qual o advento do sujeito não se torna possível..

A partir de seu ensino, compreendemos que a angústia tem como função e razão advertir acerca de algo que evoca o gozo pulsional no sujeito, ocorrendo justamente pela sua impossibilidade de se servir da barreira do Nome-do-Pai para se proteger. Nestas condições, o desejo, enquanto oposto ao gozo se esvazia, e o sujeito se depara com a ameaça de desaparecimento e fragmentação.

Não é novidade se falar das “patologias contemporâneas”, encontradas com grande frequência em nossos dias; novas vestimentas dadas ao antigo mal estar e que se reconfiguram nos quadros das chamadas depressões, bem como, anorexia, compulsão a drogas, crônicas insatisfações e intervenções no corpo, a tão popularmente conhecida “síndrome do pânico”, e também outros sintomas que visam garantir uma função análoga a do pai, sem ter que recorrer a ele.

\*E-mail: ritagresenberg@terra.com.br

Paralelamente a este fato, assistimos a um fenômeno de crescimento religioso no mundo ocidental. Ainda que vivamos em uma sociedade caracterizada pela liberdade, e até mesmo falta da transmissão religiosa das maneiras como tradicionalmente se fazia (nas famílias e escola), representantes dos mais diversos meios culturais tem experimentado e testemunhado um “retorno ao Pai”, afirmando encontrar na fé cristã o verdadeiro sentido para suas vidas e a resposta de suas buscas pessoais.

Como não se pode negar, a religião não se vale apenas de seu poder normativo, que via proibição, delimita e aguça o desejo, mas funciona como uma terapia, como afirmou Lacan, no sentido em que é capaz, de derramar uma carga de sentido sobre o real insuportável, e impossível de nomear. Em tempos onde a figura do pai manca, ela oferece uma cobertura para a nudez da falta de resposta do sujeito diante de sua divisão subjetiva, sua falta irreduzível, tampando a sexualidade que se desvela sob o rasgo no sintoma, e assim estabilizando e apaziguando os corações.

Ainda assim, muitos dos angustiados desta época também têm tido a opção de buscar seu socorro na psicanálise, entretanto ali suas queixas tomam outros rumos, pois esta direciona sua prática no sentido da construção de um saber sobre a causa do sujeito, convocando este não a tampar, mas a falar a partir de sua própria divisão, passando necessariamente, pela via do desejo, do gozo que não lhe é completo, e por isso o constitui, e da desarmonia sempre instalada entre o desejar e o receber.

Este desarranjo, ou mal arranjo fundamental parece ser precisamente o ponto, onde a religião comparece com mais êxito, ofertando uma forte defesa ao sujeito que o ampara e o livra do mal que lhe é mais próprio e mais íntimo, para que ele não tenha que *disso* se ocupar, e nada venha *disso* saber.

#### Referências Bibliográficas

- Lacan, Jacques. A Angustia – livro X(1962-1963) Ed. Jorge Zahar, 2005.  
\_\_\_\_\_. Nomes-do-Pai (1901-1981) Ed. Jorge Zahar, 2005.  
\_\_\_\_\_. O triunfo da religião(1974) Ed. Jorge Zahar, 2005



# “Cada um com seu cada qual<sup>1</sup>”

Katulle Oliveira Freitas Silva\*

*“Tanto a sexualidade quanto a religiosidade  
são partes constitutivas do Ser Humano.  
Interação entre si.  
Podem ser transformadas.  
Nunca abolidas<sup>2</sup>.”*

Desde a Antiguidade, o ser humano se inquieta e busca respostas a respeito do sentido de sua existência no mundo. Nos diferentes contextos sócio-históricos, muitos caminhos foram sendo “descobertos” em virtude dessa demanda, caminhos que certamente advêm de escolhas pessoais e norteiam o sujeito pelo desconhecido. Entretanto, nesse artigo, interessa-nos propor algumas contribuições para a reflexão sobre um possível entrosamento entre dois desses principais caminhos: a psicanálise e a religião cristã (católica)<sup>3</sup>.

A palavra “Psicanálise” é formada pela junção de dois termos gregos “psyche” (alma) e “analysis” (análise), ou seja, é a investigação da alma. Partindo desse sentido, poderíamos, a princípio, pensar que essa alma – a que se refere o termo psicanálise – fosse a mesma alma, da qual a doutrina religiosa cristã prega a existência. Contudo, é já a partir daí que se demarca uma grande e fundamental distinção entre esses dois campos.

“Alma”, entretanto, não é um termo científico (...) Os termos “alma” e “psique” podem ser utilizados alternadamente, embora a tendência seja escapar a ambigüidade do termo “alma”, recorrendo-se a “psique” por ser mais moderno e biológico. “Psique” é empregado como um fato natural concomitante à vida física, sendo talvez a ela redutível. “Alma”, por outro lado, apresenta sobretons românticos e metafísicos, compartilhando suas fronteiras com a religião... (HILLMAN, 1964, p.43-47 apud HILLMAN, 1985, p.41).

Deste modo, a psicanálise e a religião cristã tem desdobramentos singulares. Partindo do campo sobrenatural, a religião acredita que o ser humano tem alma e que esta é provida de inteligência (para perceber e compreender) e vontade (para aceitar o bem ou o mal). Esses atributos (inteligência e vontade) foram dados por Deus, que criou o ser humano à semelhança Dele; entretanto, essa semelhança pode ser aumentada ou diminuída, de acordo com a aceitação do bem ou do mal respectivamente.

Tal como Deus e a alma, a inteligência e a vontade são imateriais, mas se manifestam nas reações do sujeito. Nesse sentido, a fé cristã pertence à vontade, ou melhor, a aceitação da vontade divina e das verdades inquestionáveis (dogmas) reveladas por Deus. Ter fé cristã é aceitá-las e pô-las em prática, de modo a dar sentido a elas.

Vemos assim, que a religião se ocupa da fé, da relação com o transcendente, já a psicanálise<sup>3</sup>, enquanto saber científico é regida por uma outra lógica e ocupa-se dos processos mentais inconscientes e procura investigá-los através do seu próprio método. Comparar a eficácia de ambas seria, pois, inútil,

\*Psicóloga graduada pela UFMS-Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Pós-graduanda em Psicologia da Saúde pela FAMERP (Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto-SP). Atua como psicóloga do CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) e técnica orientadora do cumprimento de medidas sócio-educativas de Onda Verde-SP. Av. 15, nº 377- Centro - CEP 38270-000 - Campina Verde-Minas Gerais. E-mail: katulleofs@hotmail.com

uma vez que cada qual se ocupa de uma esfera do saber sobre o humano.

Um ponto comum e interessante é que, seja para a psicanálise ou para a religião, o acaso não encontra lugar de ser. Para o cristão, os acontecimentos são regidos pelos desígnios de Deus e já para a psicanálise, o inconsciente é que impera:

A psicanálise é uma teoria que possui como característica inicial o determinismo psíquico, sua função é explicar que nada ocorre por acaso, ou seja, não há descontinuidade na vida mental. Cada evento mental tem explicação consciente ou inconsciente, mas eles ocorrem tão espontaneamente, que Freud os descreve ligando um evento consciente a outro. (LOPES, 2008, [s/p]).

Para o pai da psicanálise (Freud), a religião é entendida como um sinal de imaturidade, decorrente da necessidade de se sentir protegido: “É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer — reação que é, exatamente, a formação da religião.” (FREUD, 1927, p. 26).

Mais polêmico ainda, Freud se torna ao afirmar que “A religião é uma ilusão e deriva sua força da sua presteza em ajustar-se aos nossos impulsos instintuais plenos de desejos.” (FREUD, (1933 [1932])). Essa ilusão fabricada pelos desejos é vista por ele, como próxima aos delírios psiquiátricos. Contrapondo-se a esses argumentos, temos Catalan (um sacerdote católico francês) que contesta a afirmação freudiana: “Ilusão, talvez (...) Mas, uma dose de ilusão não seria necessária ainda que temporariamente, para a estruturação harmoniosa do psiquismo humano?” (apud FILHO, 2002, p.14). Para Catalan, crer que se consiga viver sem ilusão é também uma idéia ilusória e

(...) afirma que o apelo para a relação com Deus, na verdade, é uma apelo para a relação com o outro. E isso obriga a pessoa, ainda que atéia, a escapar do narcisismo, sair de si, mudar seus próprios hábitos. Este apelo vai ao encontro daquilo que a pessoa tem de mais profundo: seu próprio dinamismo psíquico, lá onde reina o princípio do prazer, o narcisismo e, por consequência, o egocentrismo. (FILHO, 2002, p.14).

As contribuições polêmicas de Freud, não param por aí. Ele afirmava que era a religião, a causa das neuroses.

Assim, a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai. A ser correta essa conceituação, o afastamento da religião está fadado a ocorrer com a fatal inevitabilidade de um processo de crescimento, e nos encontramos exatamente nessa junção, no meio dessa fase de desenvolvimento. (FREUD, 1927, p. 57).

Como um importante opositor a essas teorizações freudianas, tem-se o psicanalista suíço Jung para quem a ausência, e não a presença (como asseverava Freud) da religião seria a causa das neuroses.

(...) a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subentende-se que todo o tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para um grande número de indivíduos. (JUNG, 1978, p.7).

Assim sendo,

Para Jung, a religião e tudo o que lhe diz respeito não são mais, como para Freud, uma “neurose obsessiva da humanidade”, um epifenômeno que vem compensar motivos infantis mal liquidados, mas, ao contrário, uma realidade *sui generis*, uma necessidade essencial, indispensável ao equilíbrio do ser. (BEIRNAERT, 1950, p. 66ss apud WINCKEL, 1985, p.38-39).

As controvérsias entre psicanálise e religião são várias e muitos apregoam o enfraquecimento da religião em detrimento da soberania dos saberes científicos ou ainda o fim da psicanálise em virtude do advento das psicoterapias breves, porém não é o que vem acontecendo, possivelmente porque cada saber, a sua maneira, oferece suporte as insatisfações e sofrimentos existenciais, mostrando-se necessário para o equilíbrio e realização pessoal do ser humano.

É possível um diálogo entre psicanálise e religião, atentando-se para não se fazer da psicanálise uma religião e tampouco, tentar legitimar a religião valendo-se da psicanálise.

‘Cada um com seu cada qual’ encontrando meios para lidar com os “impossíveis”, inerentes a nossa existência.

#### Notas

<sup>1</sup> Provérbio brasileiro.

<sup>2</sup> FRANCO, Odilon de Melo Franco. *Jornada Psicanálise, Religião e Cultura* da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Mesa: Experiência mística, Psicanálise e Religião. São Paulo, 2008.

<sup>3</sup> Etimologicamente, religião vem do latim “religio” que significa religar e “pode ser definida como um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino, sagrado e transcendental, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças.” O cristianismo é “(...) uma religião monoteísta baseada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como estes se encontram recolhidos nos Evangelhos, parte integrante do Novo Testamento. (...) Com cerca de 2,13 bilhões de adeptos, o cristianismo é hoje a maior religião mundial (...) O Cristianismo prega o amor a Deus e ao próximo como o seu fundamento espiritual.” (Wikipédia,2008). O catolicismo é um dos três grandes ramos do cristianismo sendo composto pela Igreja Católica Apostólica.

#### Referências Bibliográficas

- DOLTO, Françoise. *O Evangelho à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed. Ltda, 1979.
- FILHO, Onofre G. dos S. *As origens do ateísmo*. Revista Viver Psicologia, n.109, Ano X, p.12-15, fev.2002.
- FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – versão 2.0. *Dois verbetes de Enciclopédia: (A) Psicanálise*. (1923 [1922]), vol. XVIII. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- \_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXV. *A questão de uma weltanschauung*. (1933 [1932]), vol. XXII. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- \_\_\_\_\_. *O Futuro de uma ilusão*. (1927), vol. XXI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- \_\_\_\_\_. *O Mal-estar na Civilização*. (1930 [1929]), vol. XXI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- HILLMAN, James. *Uma busca interior em psicologia e religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- JUNG, Carl.Gustav. *Psicologia e Religião*. (Obras completas de C.G. Jung; v. XI/1). Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.
- GUERRA, Kido. Pastores X Psicanalistas - Estranho Casamento.  
Disponível em: <http://www.psicomundo.com/brasil/leves/reportagemspob.htm>  
Acesso em: 26 agos. 2008.
- LOPES, Patrícia. *Como Freud explica o comportamento*. Equipe Brasil Escola  
Disponível em: <http://www.brasilecola.com/psicologia/consciente-inconsciente.htm>  
Acesso em: 26 agos. 2008.
- MARQUES, Miguel. *A perversão nossa de cada dia*. Rev. bras. psicanál. [online]. jun. 2007, vol.41, no.2 [citado 27 Agosto 2008], p.149-167. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0486-641X2007000200014&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0486-641X. Acesso em: 26 agos. 2008.
- MIRANDA, Maria Tereza T. *Pesquisa: Sobre “O Triunfo da Religião”*. Disponível em: <http://www.jorgeforbes.com.br/br/contents.asp?s=61&i=27>  
Acesso em: 29 agos. 2008.
- SANTOS, Élison. *Psicanálise e religião, um casamento possível?* Disponível em: <www.zenit.org/article-18476?!=portuguese> Acesso em: 24 agos. 2008.
- WIKIPÉDIA. *Cristianismo*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Pt:Cristianismo> Acesso em: 25 agos. 2008.
- \_\_\_\_\_. *Religião*. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/pt:Religi%C3%A3o> Acesso em: 25 agos. 2008.
- WINCKEL, Erna van de. *Do Inconsciente a Deus*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

# J. Lacan, o judaísmo e a psicanálise

Uma leitura de: “*O pecado original da psicanálise*” de Gérard Haddad<sup>1</sup>

Sidi Askofaré\*

Em 2002 foi lançado um livro que marcou época no meio psicanalítico: “O dia em que Lacan me adotou. Minha análise com Lacan”, assinado: Gérard Haddad. No coração desse texto muito pessoal, talvez pela primeira vez<sup>2</sup>, foi acesa uma luz sobre a clínica bastante singular do último Lacan, sua direção do tratamento e, sobretudo, as incidências de sua doutrina conhecida mais recentemente – “estruturalismo” borromeu, pluralização dos Nomes-do-Pai, equivalência pai/sintoma e função de sintoma do psicanalista – na sua prática.

Com “O pecado original da psicanálise”, G. Haddad persegue e, em certa medida completa sua empreitada – que ele mesmo identifica, *in fine*, como um desfecho de sua transferência àquele que foi seu analista – criticando aquele que ele considera como o projeto fundamental e a essência de todo ensinamento de Lacan: o “questionamento do judaísmo”, a interrogação da religião dos judeus a fim de “exorcizar o *ghost* que assombra a psicanálise”.

A partir de então, o autor tratou de ordenar sua leitura de Lacan a partir deste objetivo: mostrar como o seu comentário e sua crítica a Freud, suas brigas políticas com a IPA, suas inovações teóricas e também institucionais estavam enraizadas no desejo único e decidido de emancipar a psicanálise do judaísmo<sup>3</sup>, de superar os impasses freudianos que se originavam da evitação, até mesmo recuo, de Freud frente a certas questões ligadas à sua relação com o pai e ao seu pertencimento a certa tradição religiosa. Mas não sem o apoio de uma hipótese subsidiária: Lacan teria menosprezado o mais essencial do judaísmo, e ter-se referido principalmente, senão exclusivamente, a suas correntes místicas, particularmente a Cabala, em detrimento de Maimônides e da corrente racionalista que ele inspira.

A obra de G. Haddad, muito precisa, ricamente documentada e referenciada, comporta três vertentes.

A primeira, sem dúvida a menos interessante, é “histórica”, biográfica e às vezes até mesmo simplesmente anedótica. Ela se apóia, por assim dizer, no “judaísmo na vida de Lacan”, seu interesse pela “Coisa judaica”, seu convívio social com pessoas dessa comunidade, seus interlocutores – para não dizer seus informantes ou seus iniciadores – no que diz respeito à religião e a tradição judaicas: Emmanuel Raïss e Olga Katunal.

A segunda, mais fundamental e doutrinal, trata do lugar, da função e das incidências do judaísmo – ou mais especificamente: da relação de Lacan com o judaísmo – na orientação lacaniana na psicanálise.

A terceira, enfim, clínica, situa a obra, no dizer de seu próprio autor, como um tipo de “diálogo argumentado *post-mortem*” com seu analista defunto e uma “forma paradoxal do desfecho de uma transferência”.

No quadro limitado desse levantamento, que nos seja permitido tratar apenas do segundo aspecto, aquele relativo às questões cruciais para a psicanálise.

Partamos disso: a obra de G. Haddad poderia ser inteiramente lida como uma “contra-análise”, uma construção rigorosa e uma elaboração erudita em torno de dois enunciados de Lacan com uma distância de três anos entre eles.

\*AME da EPFCL-França, Doutor em Psicologia e Ciências Humanas. Diretor de Pesquisa em Toulouse, membro do Colégio Clínico do Sudoeste da França

O primeiro enunciado é de caráter teórico-clínico. Trata-se do “diagnóstico” colocado por Lacan em 1964, nos meses que seguiram a sua exclusão da IPA:

“O verdadeiro talvez seja somente uma coisa, o desejo do próprio Freud; a saber, que alguma coisa em Freud jamais foi analisada. Era exatamente aí que eu estava no momento em que, por uma singular coincidência, fui colocado em posição de me demitir do meu seminário. O que eu tinha para dizer sobre os Nomes-do-Pai não visava, realmente, a nada além de questionar a origem, ou seja, por qual prerrogativa o desejo de Freud poderia ter encontrado, no campo da experiência que ele designa como inconsciente, a porta de entrada. Remontar a essa origem é absolutamente essencial se quisermos instalar a análise.”<sup>4</sup>

O segundo é tirado de um texto institucional, a primeira versão da *Proposição do 9 de outubro*:

“A solidariedade das três funções maiores que acabamos de traçar encontra seu ponto de concordância na existência dos Judeus. O que não é de se espantar quando se sabe da importância de sua presença em todo seu movimento.

É impossível saldar a segregação constitutiva dessa etnia com as considerações de Marx, e um pouco menos, com as de Sartre. É o motivo porque, especialmente a religião dos Judeus, deve ser questionada no nosso âmago.”<sup>5</sup>

Do primeiro enunciado, G. Haddad tira o que vai constituir a máxima de sua obra: “o mistério paternal”, ou seja, o próprio título da terceira parte de sua obra, que as duas primeiras apenas preparam e anunciam.

A tese defendida pelo autor é a seguinte: durante sua vida, Lacan pensou que uma “ligação misteriosa, jamais esclarecida fundamentalmente, religa a psicanálise à Coisa judaica”. E que a psicanálise não poderia, simplesmente, ser concebida fora dessa tradição. O que confere *ipso facto* certa importância às origens judaicas de Freud, considerando que esse pertencimento imprime certas marcas à sua invenção. Principalmente a dimensão da *letra* – da qual se origina o interesse pelo *texto* e pela *interpretação* – e essa outra incidência, ligada ao *pai*, condensa o conceito de sua função: o Nome-do-Pai.

Uma vez isolado esse status estratégico da questão do pai para a compreensão da leitura do freudismo, por Lacan, e de sua posição em relação a Freud, G. Haddad tenta uma reinterpretação global do ensino de Lacan.

Assim, ele tenta valorizar, a partir de uma quantidade de enunciados de Lacan cuidadosamente escolhidos, que o sentido do “retorno a Freud” executado a partir de 1953, no fundo, é apenas uma tentativa de desjudaização da psicanálise e não de fundação dela. Para sustentar essa idéia, o autor levanta alguns motivos:

- Primeiramente, a importância acordada por Lacan a uma forma de determinação de Freud pelo “sistema patriarcal judeu”, determinação localizável igualmente na centralidade da temática do pai na doutrina freudiana, que se encontra no diagnóstico colocado por Lacan sobre a posição subjetiva de Freud, a qual ele jamais deixou de enfatizar que ele, sempre e por todos os meios, quis “salvar o pai”;

- Em seguida, a insistência de Lacan sobre o fato de que haveria, tudo ao mesmo tempo, um impasse, uma evitação, uma inibição e, *in fine*, uma renúncia de Freud em seu tratamento da questão do pai. Somente que, para G. Haddad, trata-se menos do pai de sua “*historieta*” do que daquele de seu povo, da “religião de seus pais”. E o autor coloca questionamentos em torno dos quais estrutura sua



obra: “Quem mensurou tais palavras? Desse diagnóstico da evitação, por Freud diante do Deus judeu, e cuja questão o “dirigida”, como ateu, como ele se declarou, estaria essa evitação na origem das dificuldades da psicanálise? Do inconsolável arrependimento de Lacan? Do lugar central da questão do judaísmo para a psicanálise e, além disso, para toda a nossa cultura ocidental, assunto espinhoso que é?”<sup>6</sup>

Portanto, uma ocasião para Haddad visitar todo o ensinamento de Lacan e, em particular, todas as suas elaborações relativas à função paterna, de “Complexos Familiares”, de 1938, ao Seminário de 1975-1976, *O sintoma*, dedicado a Joyce. O autor desdobra, assim, todas as elaborações de Lacan relativas ao pai, do famoso “declínio social da imagem paterna” ao pai-sintoma, passando pela metáfora paterna, o pai real, e até mesmo pela necessidade e pelas coordenadas da introdução do objeto *a* como substituto laico à função do pai no discurso analítico, mostrando a cada vez o que essas construções devem ao debate de Lacan com Freud e a seu projeto fundamental de tirar a psicanálise da “trama do Nome-do-Pai”.

No decorrer de sua demonstração, G. Haddad, portador, em sua consciência íntima, da tradição judaica, fornece ora correções, ora precisões, ora, enfim, aprofundamentos que realmente ajudam o leitor a fazer seu caminho nas numerosas e ricas referências de Lacan ao *corpus* da Bíblia e de seus comentários judaicos.

Do segundo enunciado, G. Haddad deduz os elementos úteis, senão indispensáveis, à compreensão das inovações institucionais iniciadas por Lacan e, sem particular, sua promoção do dispositivo da Escola. Em que medida a crítica por Lacan do modo de transmissão da psicanálise legado por Freud, e sua denúncia da estrutura da Igreja da IPA, resultam de seu projeto global *de desjudaização* da psicanálise: é o que G. Haddad tenta estabelecer.

O último ponto não é o menos importante: ele aborda ao mesmo tempo a questão a respeito da qual Lacan mais foi atacado – suas inovações técnicas e, particularmente, sua “transgressão” do quadro analítico clássico: a duração variável das sessões e, especialmente, as “sessões curtas” – e o que constitui, aos olhos do autor, a própria essência do judaísmo: o rito. Ora, segundo Haddad, é ao “ritual analítico” em sua função de cimento do vínculo social analítico que Lacan atentou “para um ato pessoal e solitário, até mesmo arbitrário (...): sessões breves com duração flexível, cada vez mais curtas à medida que ele envelhecia, número de sessões deixadas à vontade do paciente, pacientes de uma mesma família atendidos pelo mesmo analista, etc. Assim, ele colocava o edifício em perigo”<sup>7</sup>.

No total, G. Haddad considera o gesto teórico e institucional de Lacan como responsável pelo estado atual da psicanálise – sobre o que seu diagnóstico está longe de ser falso – e mais particularmente pelos grupos oriundos da dissolução.

A conclusão à qual seu estudo conduz G. Haddad é a seguinte: se o projeto de Lacan fracassou, foi por causa de um erro, talvez até de um desvio desse último, muito precisamente por conta do fato que o “questionamento da religião dos Judeus” não foi efetuado da maneira correta. “Lacan, de fato, apoiou seu questionamento sobre a Cabala, que seus interlocutores Emmanuel Reiss, Olga Katunel e outros devem tê-lo apresentado como a quintessência, o santo dos santos do judaísmo. Ora, essa concepção é falsa. A Cabala – e o pensamento que ela inspira – é somente uma das correntes do judaísmo, sem dúvida e infelizmente, a melhor acolhida nos meios intelectuais contemporâneos. Nosso tempo se afeiçoa ao obscuro e à manipulação.

A essa corrente opõe-se, radicalmente, a teologia de Maimônides, para quem o pensamento cabalístico não passa de uma regressão idolátrica”<sup>8</sup>.

Resulta para o autor que o interlocutor judeu de Lacan deveria ter sido, muito evidentemente, Maimônides, tanto que “se a psicanálise carrega a marca do judaísmo, é principalmente do lado de Maimônides – com suas referências ao Talmude, ao Targum e ao Midrash – que é preciso encontrá-la”<sup>9</sup>.

A consequência das críticas formuladas por Haddad é extremamente radical. Julguemos: “A doutrina de Lacan sendo, em boa parte, constituída em uma confrontação com o judaísmo, tese deste

livro, esse viés ocasionou um *esquerdismo* da obra, de alguns de seus conceitos, da condução e da solução proposta ao fim da análise. Esse *esquerdismo* ocasionou também a impossibilidade de uma instigação psicanalítica lacaniana racionalista”<sup>10</sup>.

A importância, o rigor e o grave do livro de G. Haddad parecem evidentes. Essa importância, esse rigor e esse grave só tornam mais necessárias a discussão das teses do autor e a formulação das objeções que elas convocam. Que nos seja permitido aqui articulá-las em cinco pontos:

### O Nome-do-Pai

O partido tomado por G. Haddad de reconduzir a categoria do Nome-do-Pai a uma confrontação de Lacan com o judaísmo é, para não dizer mais, discutível. O privilégio acordado ao debate – indevidamente mudo em confrontação, sem dúvida, por necessidade de dramatização teórica – não conduz a ignorar todo o segundo plano clínico e teórico sobre o fundo do qual ele se inscreve?

Questões clínicas: por um lado aquela mesma que tornou, para não dizer mais, atual a recente publicação francesa da versão não expurgada da *Correspondência* de Freud com Fliess – a questão da sedução real e da culpa paterna – e por outro lado a questão do “desejo do histérico” na condição de desejo de sustentar o desejo do pai, esse pai que é o objeto do amor que constitui a própria armadura do histérico. Não é o encontro contingente desses dois desejos que Lacan foi conduzido a interrogar e para fazer a única pergunta que melhor valia, a seus olhos: em que o “desejo de Freud” foi determinante em sua descoberta do inconsciente e sua invenção da psicanálise?

Questão teórica também: como fundar a psicanálise na prática – fórmula do verdadeiro projeto de Lacan – e como inscrevê-la no campo da ciência, se não a emancipando desses dois desejos que a enraizam no Pai, o “desejo de Freud” de salvar o Pai e o “desejo do histérico” de “sustentar o desejo do pai por procuração”? No fundo, Lacan simplesmente era animado por outro desejo, aquele de promover um “desejo do analista” que não seja nem o “desejo de Freud”, nem o “desejo do histérico”, isto é, um desejo emancipado da religião, esse nó do pai, do amor e do sentido. O risco real, percebido por Lacan, mas imediatamente recoberto por G. Haddad é, portanto, aquele da emancipação da psicanálise em relação à religião. E mesmo se Lacan está de acordo com Hegel por considerar o cristianismo como a “verdadeira religião”, este, como o islã aliás, permanece como uma religião de tradição judaica, ou dito de outra forma, *abrahâmica*<sup>11</sup>. A partir do fato de que a Bíblia é o primeiro livro da revelação mono-teísta, onde seria melhor ir procurar o que Pai quer dizer, onde seria melhor ir colher “qual substância dar ao Nome-do-Pai”?

Sem dúvida, o que G. Haddad deixa passar é o caráter, ao mesmo tempo necessário e insuficiente, do Nome-do-Pai para Lacan. Necessário porque “a neurose é inseparável de uma fuga diante do desejo do pai, ao qual o sujeito substitui sua demanda”. Insuficiente porque a amarração pelo Nome-do-Pai mantém o sujeito em sua alienação e em sua dependência do desejo do Outro. Também a crítica por Lacan do Nome-do-Pai, que é também sua crítica à religião – e não somente ao judaísmo – não advém do ateísmo vulgar ou mesmo do cientificismo positivista, como em Freud. Ele reconhece que o inconsciente e a transferência devem à relação do sujeito do inconsciente com o pai. De modo que, para ele, há religião na própria psicanálise e que, se uma análise visa o real, ela só o atinge passando pela verdade e pelo sentido, portanto, servindo-se do Nome-do-Pai.

### O objeto *a*

À exceção de sua vontade de fazer com Lacan o que ele acredita que este último tenha feito com Freud, como explicar a escolha extrema operada por G. Haddad quando ele reduz o que Lacan considera como invenção sua, e como sua única contribuição à psicanálise, o objeto *a*, à afirmação segundo a qual a solidariedade das “três funções máximas” evocada por Lacan na primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967 “encontra seu ponto de concordância na existência dos Judeus”?

Ora, não é suficiente relacionar esse enunciado à inscrição do objeto *a* no furo central do nó borromeu para prová-lo. Que o Judeu seja o objeto *a* do Ocidente é menos uma tese de Lacan do que

de François Regnault<sup>12</sup>, tese essa, aliás, retomada e amplificada recentemente por Jean-Claude Milner<sup>13</sup>. Enfatizemos, por outro lado, que toda a argumentação de G. Haddad sobre esse ponto é fundada, pelo menos em parte, em uma leitura errônea da passagem incriminada. De fato, se Lacan fala ali de “três funções máximas” – o vínculo especificado da análise em relação às coordenadas da família, a função da identificação e o advento do fenômeno da segregação correlativo à universalização do sujeito procedente da ciência – que se repartem nos três registros do simbólico, do imaginário e do real, não se deve confundir as ditas funções com as três ordens como tais.

### A IPA

A crítica da IPA vem se amarrar aí como o relançamento de um motivo já antigo, a crítica do segundo tópico freudiano – cf. seu Seminário de 1962-1963, *A transferência*, em que Lacan já denunciava a IPA como a retomada institucional da Segunda Tópica e a encarnação de sua escolha de organizar a transmissão da psicanálise segundo a lógica da “psicologia das multidões”. A partir daí, pode-se ler plenamente a passagem da *Proposição de 9 de outubro de 1967*, solicitada por G. Haddad, como uma nova tentativa de desnudar a estrutura dessa associação que combina nada menos que a família, a Igreja e o Exército. Talvez, a novidade seja que Lacan acrescenta, tencionando com a universalização do sujeito procedente da ciência, a questão da segregação epistêmica da psicanálise, ou seja, a extraterritorialidade na qual foi colocada em relação aos outros saberes do campo científico.

Não era essa a desconstrução mínima necessária para quem queria libertar a psicanálise, assegurando um modo de transmissão centrado sobre o “desejo do analista” e organizar o recrutamento dos analistas sobre a base do inconsciente? Em suma, construir uma Escola onde antes dominava uma Igreja?

Igualmente, se essa empreitada tem a ver com uma crítica a Freud, não é nem uma crítica ao judaísmo de Freud e, ainda menos, uma crítica ao judaísmo como tal. Sem dúvida, é uma crítica às opções políticas de Freud e às concepções teóricas nelas fundamentadas. Essa crítica é, sobretudo, a tentativa de uma oposição para além de Freud – o que implica passar por ele –, para além do “desejo de Freud”, entendamos: para além de toda posição subjetiva que encontra na morte do pai o regulador do desejo do sujeito.

Mas, afinal, por que essa proposição de questionar, na psicanálise, a “religião dos Judeus”?

### A “religião dos Judeus”

Não é, absolutamente, preciso ser um grande clérigo para perceber que acerca dessa questão, central em sua obra, G. Haddad deforma um pouco as coisas para promover sua tese. Primeiramente pela confusão, no plano da língua, entre “*mise en question*” (questionar) e “*mise en cause*” (questionar). Se os dois sintagmas se encontram em Lacan, é válido notar que eles se encontram em contextos extremamente diferentes e, sobretudo, referem-se a sujeitos e operações diferenciadas. De fato, quando Lacan falou em “*mise en cause*”, era do “questionamento (*mise en cause*) dos mais radicais da tradição judaica” por Freud em *Moisés e o monoteísmo*. E era, sobretudo, para contestar uma posição de Freud relativa ao relacionamento do analista com a verdade.<sup>14</sup>

Ao contrário, quando Lacan apela, em 1967, a um « questionamento » (*mise en question*) – que, é preciso lembrar, nada mais é do que colocar em discussão – da « religião dos Judeus », era no desígnio epistêmico de « se igualar à segregação constitutiva dessa etnia », tarefa essa que, segundo Lacan, os textos respectivos de Marx e de Sartre<sup>15</sup> foram considerados insuficientes.

Pode-se ler, aqui também, que não se trata absolutamente de uma « confrontação » qualquer de Lacan com o judaísmo; situamo-nos diretamente na linha, iniciada em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, da crítica das « premissas hegeliano-marxistas » da história e sobretudo da necessária mobilização dos conceitos de *separação* e do objeto *a*, para iniciar uma crítica fecunda do universalismo e uma análise válida do « fenômeno fundamental no qual o campo de concentração mostrou a erupção » : « a ascensão de um mundo organizado sobre todas as formas de segregação »<sup>16</sup>

A partir daí, a questão que se coloca é saber por que G. Haddad achou necessário colocar no centro do ensinamento de Lacan essa « confrontação » com a « religião dos Judeus ». Para dar crédito à idéia, adiantada há muito tempo, de que o projeto de Lacan foi desde sempre « afrancesar » e « cristianizar » a psicanálise? Por identificação com seu analista, para retomar as coisas onde Lacan as havia deixado e, assim, ser para Lacan o que este havia sido para Freud? Ou ainda, pesando tudo, seria essa uma maneira legítima para G. Haddad de encontrar uma saída, uma solução para sua transferência em relação a Lacan?

Em todo caso, não poderíamos deixar passar em silêncio o que ele mesmo diz a esse respeito : « Minha obra precedente, pano de fundo desta, finaliza com a confissão de uma certa confusão mental que me deixou a morte de Lacan. O prosseguimento de minha análise com ele a teria dissipado? Eu duvido. A paz me veio mais do lado de Maimônides e de Leibowitz, seu comentador contemporâneo.»<sup>17</sup>

Considerando tudo, por que não? O judaísmo, como toda religião, e talvez mais do que qualquer outra, também é um sintoma.

Mas G. Haddad é suficientemente avisado da Coisa analítica para saber, por um lado, que a análise não visa a « paz » do sujeito e, por outro lado, - e esse de Freud e não de Lacan - que « ninguém pode ser assassinado *in absentia* ou *in effigie*.»<sup>18</sup>

#### Notas

<sup>1</sup> *O pecado original da psicanálise*. Lacan e a questão judaica, Paris, Seuil, 2007, Coleção Non conforme, p. 314.

<sup>2</sup> Deixamos de lado as obras de Jean-Guy e, sobretudo, de Philippe Rey, nas quais os riscos teóricos e clínicos são menos evidentes.

<sup>3</sup> «Retomar as coisas onde Freud as deixou: esse é o sentido profundo desse *retorno* do qual Lacan fez bandeira, recolocar “sobre seus pés a psicanálise”, corrigir “seu pecado original”. É, em última análise, para quem sabe ler, “um questionamento da religião dos Judeus”, o projeto teórico de uma ultrapassagem, ou seja, de uma *desjudaização* da psicanálise”. *Idem*, p. 24.

<sup>4</sup> J. Lacan, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Paris, Seuil, 1973, p.16

<sup>5</sup> J. Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967. Primeira Versão. In : *Ornicar ? Analytica*, vol 8, 1978, p. 26 .

<sup>6</sup> G. Haddad, *O pecado original da psicanálise*, op. cit., p 20

<sup>7</sup> G. Haddad, *Idem*, p 294

<sup>8</sup> G. Haddad, *Idem*, p 307-308

<sup>9</sup> G. Haddad, *Idem*, p 310

<sup>10</sup> G. Haddad, *Idem*, p 303

<sup>11</sup> Neologismo criado pelo autor para mostrar sua origem comum em Abraão.

<sup>12</sup> François Regnault, *Notre objet a*, Paris, Verdier, 2003

<sup>13</sup> Jean-Claude Milner, *Les penchants criminels de l'Europe démocratique*, Paris, Verdier, 2003

<sup>14</sup> « Eu queria fazer intervir a tradição judaica para tentar retomar as coisas onde Freud as havia deixado, porque também não é assim por nada que a a caneta de Freud escreveu sobre a divisão do sujeito e que pouco antes ele havia, com *Moisés e o monoteísmo*, um questionamento (*mise en cause*) dos mais radicais da tradição judaica. Seja qual for o caráter contestável historicamente de seus apoios ou mesmo de seus caminhamentos, resta apenas introduzir, no coração da história judaica, a distinção radical, absolutamente evidente, da tradição profética em relação a uma outra mensagem, é precisamente fazer do *conluio com a verdade* uma função essencial à nossa operação enquanto analistas. E, justamente, só podemos nos orgulhar e nos dedicarmos a isso na medida em que nos destronamos de todo conluio com a verdade. » in Seminário II: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, op. cit., p. 233.

<sup>15</sup> Trata-se, evidentemente, de uma alusão às famosas obras de K. Marx, *La question juive* (1843), et de J. P. Sartre: *Réflexions sur la question juive* (1946).

<sup>16</sup> J. Lacan, *Proposition du 9 octobre 1967. Première version*, art. cit., p.22

<sup>17</sup> G. Haddad, op. cit., p.311

<sup>18</sup> Sigmund Freud, « La dynamique du transfert », in *La technique psychanalytique*, Paris, PUF, 1953, p. 60.



# CURSO DE PSICANÁLISE EM EXTENSÃO

A TEORIA E A CLÍNICA DE FREUD A LACAN

- 2010 -

## O AMOR E O DIVÃ

ENCONTROS:



01  
MAI

O amor em tempos de solidão  
*Alba Abreu Lima*

12  
JUN

No jogo do amor 'tu te perdes':  
O amor e suas fronteiras  
*Andréa Brunetto*

14  
AGO

A psicanálise e o amor  
*Elisabeth da Rocha Miranda*

18  
SET

O amor e o final de análise  
*Didier Castanet*

09  
OUT

O amor e as letras  
*Vera Pollo*

13  
NOV

As mulheres obsessivas e o amor  
*Maria Anita Carneiro Ribeiro*

**HORARIO:** 9h00 às 12h00 | 13h30 às 16h30

**LOCAL:** UNIVILLE - Campus Universitário s/nº - Bairro Bom Retiro

**INVESTIMENTO:** 6 x R\$ 80,00 (Pagamento antecipado para profissionais)  
6 x R\$ 60,00 (Pagamento antecipado para estudantes)

**INFORMAÇÕES:** Centro de Estudos do Campo Lacaniano de Joinville  
Rua Expedicionário Holz, 149 - Sala A - Joinville - SC  
Fone /Fax: 47 3433-2714  
E-mail: cecl.jlle@brturbo.com.br

**Coordenação Geral**

*Antonio Quinet*

 **CECLJ**  
CENTRO DE ESTUDOS DO CAMPO LACANIANO DE JOINVILLE

**Coordenação Local**

*Joseana Simone Deckmann Lima*  
*Terezinha Soffi*



Lucio Fontana (Argentina - Italia), Concetto Spaziale, Attesa [1960] © Fondazione Fontana, by SIAE 2009

**VI° Encontro**  
**da Internacional dos Fóruns e da Escola de**  
**Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano**  
**O «mistério do corpo falante»**

**Roma, 9 – 10 e 11 Julho 2010**

Complesso monumentale di **San Michele a Ripa Grande** – Via di San Michele, 22 – 00153 Roma (Trastevere) – Itália

Comitê Encontro Internacional da IF-EPFCL – Roma 2010  
Via della Frezza 59 – 00186 Roma – Itália – Tel +39 06 32111537 – Fax +39 06 32503721  
[www.champlacanien.net](http://www.champlacanien.net) – e-mail: [fclroma2010@gmail.com](mailto:fclroma2010@gmail.com)





XI Encontro Nacional da EPFCL | AFCL - Brasil

# O SINTOMA: SUA POLÍTICA, SUA CLÍNICA.

Fortaleza, Ceará. De 29 de outubro a 1 de novembro de 2010 - Hotel Praia Centro

CONVIDADOS INTERNACIONAIS

**Colette Soler**  
**Mario Brito**

COORDENAÇÃO NACIONAL

Sonia Alberti  
Consuelo Pereira de Almeida  
Georgina Cerquise

COORDENAÇÃO LOCAL

Andréa Rodrigues  
Sandra Mara Nunes Dourado

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO CENTRICA

Lia Carneiro Silveira




INFORMAÇÕES: tel. (85) 3021 0811 tel. (21) 2286 9225 fax (21) 2537 1786 [www.afcl.campolacaniano.com.br](http://www.afcl.campolacaniano.com.br)

Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano



Associação Fóruns do Campo Lacaniano

 Associação Fóruns do Campo Lacaniano - AFCL 